



Revisa Goiás

Recompondo e ampliando aprendizagens...



9º Ano

Ciências Humanas

3º Bimestre - 2026
Estudante

SEDUC
Secretaria de
Estado da Educação

Governo de
GOIÁS



HISTÓRIA



Queridos(as) estudantes do 9º Ano,

No semestre anterior, estudamos as transformações econômicas, sociais e políticas ocorridas durante a Primeira República e a Era Vargas no Brasil.

Também refletimos sobre os ideais imperialistas e nacionalistas do início do século XX, que intensificaram disputas internacionais e contribuíram para a formação das alianças militares responsáveis pela eclosão da Primeira Guerra Mundial. Além disso, analisamos como a superprodução, a especulação financeira e as desigualdades sociais provocaram a Crise de 1929, causando impactos econômicos em diferentes partes do mundo.

Neste bimestre, aprofundaremos nossos estudos sobre as consequências da crise de 1929 e compreenderemos como esse contexto favoreceu a ascensão dos regimes totalitários na Europa, contribuindo para o início da Segunda Guerra Mundial. Também analisaremos como os conflitos e disputas ideológicas internacionais influenciaram a política brasileira, especialmente durante a República Populista e o período da Guerra Fria, fortalecendo tensões políticas que culminaram no Golpe Militar de 1964.

Além disso, estudaremos as políticas econômicas e sociais implantadas durante a ditadura militar, os diferentes movimentos de resistência ao regime, como a atuação estudantil, artística e armada e o processo de reabertura democrática, marcado pela mobilização popular e pela luta pela redemocratização do país.

Para enriquecer ainda mais a compreensão histórica, é importante revisar os conteúdos estudados desde o primeiro bimestre sempre que necessário. Essa retomada ajudará vocês a relacionarem os acontecimentos mundiais aos fatos ocorridos no Brasil, compreendendo como as transformações globais impactaram diretamente a sociedade brasileira.

Esperamos que, ao longo deste bimestre, vocês desenvolvam uma visão crítica e ampla sobre os grandes acontecimentos do século XX e seus impactos na história do Brasil e do mundo.

ção constante das massas. Diferente das ditaduras autoritárias convencionais, que muitas vezes buscam apenas a desmobilização política, o totalitarismo exigiu a participação ativa e fervorosa da população, fundindo a esfera pública e a privada sob uma única ideologia oficial.

Como surgiu e o que significa o totalitarismo?

Datado do período entreguerras, entre as décadas de 1920 e 1930, o totalitarismo pode ser compreendido como a elevação do autoritarismo ao máximo.

Segundo Eckhard Jesse, professor de Ciências Políticas na Universidade Técnica de Chemnitz-Zwickau, o totalitarismo é um regime de governo. Esse regime tenta conformar os cidadãos dentro de uma ideologia, usando formas de controle e coação.

Por isso, representa o controle absoluto de uma pessoa, partido ou ideologia política sobre toda uma nação. O líder detém os poderes sobre a vida pública e privada, tendo o militarismo como instrumento de intimidação.

A destruição causada pela guerra, o temor do comunismo e os desafios econômicos colocaram os regimes totalitaristas como possíveis soluções para os problemas sociais. Gradativamente, os movimentos totalitários foram alcançando o apoio popular.

O termo originou-se na década de 1920, como uma forma de se referir ao fascismo italiano, o primeiro regime europeu de caráter totalitarista. Foi a partir dele que o fascismo, enquanto política alternativa, se popularizou na Europa.

Posteriormente, outros países europeus também optaram pelo modelo autoritário. O totalitarismo consolidou sua força quando os nazistas tomaram o poder na Alemanha, no ano de 1933.

Características dos sistemas totalitários

- **Culto ao líder:** De forma a enfatizar a sua importância e soberania, a sua imagem era fixada em fachadas de prédios, escolas, praças e em todos os lugares onde havia grande circulação, justamente com a intenção de doutrinar o povo e as novas gerações.

- **Unipartidarismo:** Todos os regimes totalitários suprimiam a existência dos partidos, e somente o partido do governo tinha a permissão de funcionar.

- **Centralização do poder:** O poder político no totalitarismo é centralizado no líder e/ou partido.

- **Uso do terror:** O terror era uma arma dos regimes totalitários para amedrontar seus opositores e perseguir grupos enxergados como “inimigos do Estado”.

- **Censura:** A censura era uma prática comum a jornais e à população em geral. Regimes totalitários não aceitavam críticas, denúncias e não aturavam a existência de uma oposição.

Leia o texto

Texto I

Totalitarismo: conceito, movimentos e filosofia arendtiana

O fenômeno dos regimes totalitários que marcou o século XX representou uma ruptura drástica com as tradições políticas anteriores, estabelecendo um modelo de governança baseado no controle absoluto e na mobiliza-

- **Militarização:** Exaltação do exército e militarização da sociedade.
- **Nacionalismo exacerbado:** No totalitarismo, o nacionalismo apropriou-se de forma extremista, difundindo exclusão e perseguição contra outros povos ou etnias.

Modelos de regimes totalitários na Europa.

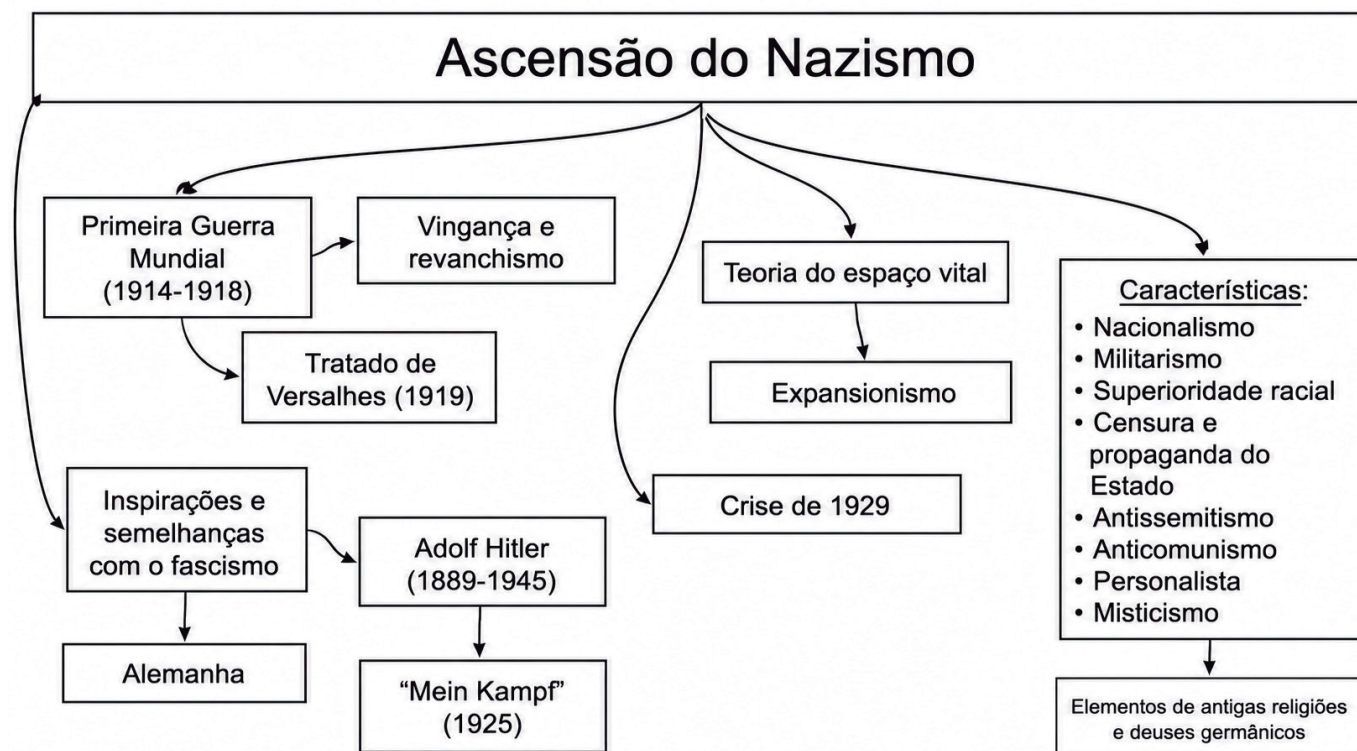
Fascismo

O Fascismo surgiu de fato em 1919, com a criação do Fasci Italiani di Combattimento. Grupo fundado por Benito Mussolini, que posteriormente passou a ser chamado de Partido Nacional Fascista. E só em 1922, começou a ganhar fama com a marcha sobre Roma, quando Mussolini foi nomeado primeiro-ministro italiano.

Essa ascensão de Mussolini ao poder aconteceu no contexto de crise política e econômica na Itália, e numa tentativa de solução destes problemas, os italianos estavam dispostos a concordar com essa nova tomada política. Em 1925, Benito Mussolini se autodeclara ditador da Itália, o que consolidou o totalitarismo no país.

O Fascismo pode ser identificado como o primeiro movimento totalitário na Europa, além de ser um dos precursores de políticas conservadoras, e justamente por isso, foi um dos exemplos a ser seguidos pelos demais autoritarismos europeus.

Nazismo



Disponível em: <https://abre.ai/phmb>. Acesso em: 15 mai. 2026.

O período entreguerras para a Alemanha foi delicado e cheio de ressentimentos, ainda mais depois do Tratado de Versalhes em 1919, que determinava que a Alemanha fora a responsável por causar a guerra e, por termos do tratado, estava obrigada a reparar os danos de algumas nações da Tríplice Entente.

Com o contexto gerado, o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães foi criado em 1919 com o objetivo de reparar o caos que estava instalado. Com a liderança de Adolf Hitler, o Partido Nazista foi a favor de medidas autoritárias para resgatar a Alemanha dos tempos passados.

A ideologia nazista, baseada no livro “Minha Luta”, de Hitler, pregava o antimarxismo, antiliberalismo e o antissemitismo – o ódio contra o povo judeu. Ideais esses que foram usados, de maneira autoritária, para defender a raça alemã como algo superior a todos os demais povos.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o Partido Nazista usou de retóricas militaristas, expansionistas e de pureza de raça, para exterminar milhões de pessoas que não se encaixavam dentro do padrão de raça alemã.

Outros modelos

Além dos principais exemplos de regimes totalitários que marcaram a Europa do Século XX, outros movimentos com características semelhantes também emergiram, como o Salazarismo em Portugal, e o Franquismo, na Espanha.

Com o mesmo contexto de perdas e tristezas do pós-guerra, os cidadãos espanhóis e portugueses estavam descredenciados nos mesmos discursos.

O Salazarismo foi um regime ditatorial entre 1933 e 1974. O termo faz menção a António de Oliveira Salazar, seu líder. Conhecido como o Estado Novo português, o salazarismo foi iniciado com a promulgação de 1933. O período foi marcado por políticas antidemocráticas, antiliberais, centralizadoras, colonialistas e conservadoras.

Seu encerramento foi em 1974, partindo da Revolução dos Cravos, golpe civil-militar que destituiu Marcello Caetano, o substituto de Salazar.

O Franquismo faz referência ao general Francisco Franco, que detinha o poder na Espanha entre 1939 e 1975. Desde o início da República Espanhola, o país sofria com vários debates nos setores conservadores e militares, dizendo que essa mudança foi comandada pela esquerda.

Com o passar dos anos, Franco e outros simpatizantes do fascismo italiano, articularam um golpe contra o governo de esquerda. Francisco Franco instalou um período autoritário na Espanha, que só teve fim após algumas décadas do fim da guerra.

Pontua-se a existência de um debate entre historiadores acerca do caráter totalitário do **governo stalinista**. Eric Hobsbawm, por exemplo, afirma que a ditadura stalinista não foi totalitária; enquanto outros intelectuais, como Hannah Arendt, compreendem que esse movimento foi totalitário.

Josef Stalin (1879-1953) assumiu o poder da União Soviética após a morte de Lenin. O stalinismo surge mediante uma interpretação particular do Stalin do marxismo, que durou de 1924 até 1953. Os principais aspectos do stalinismo revelam a exclusão da religião da vida pública, o fim da propriedade privada, o culto ao líder, a perseguição de opositores, a militarização, entre outros.

Um dos principais estudos sobre o totalitarismo, é da filósofa Hannah Arendt, segundo ela, o totalitarismo une dois fenômenos em sua potencialidade: o medo e o terror. O Estado total transforma a coletividade em um único corpo, de modo que **anula a individualidade**. Isso ocorre para a promoção de uma sociedade que pensa da mesma maneira e apoia a atuação do líder totalitário.

A outra modalidade de totalitarismo apresentada pela autora é das pessoas que não acreditavam no que estavam fazendo. Simplesmente agiam para conseguir alguma vantagem pessoal. Para a filósofa, o que as ideologias totalitárias visam não é a transformação do mundo exterior ou a transformação revolucionária da nossa sociedade, mas sim a **transformação da própria natureza humana**.

Ao longo da história, as experiências totalitárias apresentam a forma mais extrema e completa de autoritarismo. Isso acarretou inúmeras violações aos direitos humanos e um verdadeiro contraste aos ideais democráticos.

Texto de Ana Livia Novaes – Adaptado.

Disponível em: <https://abre.ai/phmWV>.
Acesso em: 14 mai. 2026.



ATIVIDADES

1. Considerando o Texto I, explique de que maneira o culto ao líder e o uso do terror foram estratégias eficazes para a manutenção do poder nos regimes totalitários?
2. Quais os fatores históricos e sociais contribuíram para a ascensão dos regimes totalitários?
3. Explique, como o medo e o terror foram utilizados para anular a individualidade e consolidar o regime totalitário, segundo Hannah Arendt.

Leia o texto

Texto II

Segunda Guerra Mundial: como impactou a história?

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito marcante na história da humanidade por diversos motivos, um deles é o gigantesco número de mortes. Entre os anos de 1939 e 1945, 72 nações, incluindo o Brasil, se envolveram em operações militares, que resultaram na morte de aproximadamente 45 milhões de pessoas.



Discurso de Hitler durante sessão histórica do Reichstag (parlamento) em 1941.

Para entender melhor os motivos que levaram à eclosão da Segunda Guerra Mundial, é importante saber o contexto histórico daquela época. Um dos principais pontos é o fato de que os países vencedores da Primeira Guerra Mundial (1914-1918) consideraram a Alemanha culpada pelo conflito. Por conta disso, o Estado alemão teve que assinar o Tratado de Versalhes em 1919, o que fez perder territórios e pagar pesadas indenizações. Como consequência desse tratado, a Alemanha entrou em uma grave crise econômica e política. Essa situação fez com que os alemães se sentissem injustiçados, gerando um sentimento de vingança na população.

A quebra da bolsa de Nova Iorque sucedendo da crise de 1929, agravou a recessão econômica na Alemanha, levando à escassez de alimentos e ao aumento da inflação aos quatro dígitos. O resultado? Uma sensação de impotência que se propagava pela sociedade alemã, que buscava uma solução imediata para resolver esse problema. É nesse cenário, tomando pelo revanchismo, que surgiu como alternativa em 1919 o Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães – o Partido Nazista. Com um discurso populista e demagógico, o Partido Nazista e a figura do seu líder, apelava aos sentimentos populares

de que a Alemanha fora injustiçada. Além desse apelo, o discurso era demagógico por acusar um culpado pelos problemas sociais e econômicos causados à Alemanha: a comunidade judaica. Assim, a comunicação direta com a população – realizada por meio das rádios e dos jornais impressos, os quais constituíam as grandes mídias de massa da época – fez com que o discurso nazista fosse “comprado” por uma ampla porção da população.

Ações do Partido Nazista – como o intervencionismo econômico – fortaleceram a indústria alemã e diminuíram o desemprego. Demais partidos políticos foram proibidos, jornais de oposição foram fechados e minorias, como os judeus, perseguidas. Desrespeitando o Tratado de Versalhes, Hitler também remilitarizou a Alemanha.

As primeiras alianças que antecederam a Segunda Guerra Mundial

Com conjunturas políticas e econômicas tão parecidas, era só uma questão de tempo até a Alemanha e a Itália formarem uma aliança. Isso aconteceu em 1936, quando os dois Estados assinaram um tratado de colaboração. A assinatura desse tratado e a consequente criação do **Eixo Berlim-Roma** nasceu não apenas devido às semelhanças ideológicas dos dois governos totalitários, mas também por conta do **isolamento internacional** que os dois Estados enfrentavam.

A Alemanha fora “excluída” da comunidade internacional fundada após a Primeira Guerra Mundial, em um primeiro momento. Por sua vez, a Itália fora severamente punida com sanções internacionais após invadir o norte da África. Quando a Alemanha não aderiu às sanções, uma porta aberta para a aproximação entre os dois países.



Hitler e Mussolini em visita à Veneza (Itália), em 1934. Imagem: Congresso dos EUA.

O que os outros Estados europeus fizeram quando Hitler quebrou o Tratado de Versalhes? E quando o Eixo Berlim Roma foi firmado? A resposta é: nada. Como o nazismo visava impedir a expansão da União Soviética e do socialismo em direção à Europa ocidental, os outros países da região não se opuseram ao crescimento alemão, nem mesmo quando houve a remilitarização e as anexações (invasões) de outros territórios. Já a desconfiança sobre a aproximação entre Itália e Alemanha foi minimizada com um discurso de Mussolini, que afirmou:

“A implementação do eixo Berlim-Roma não está voltada contra outros países. Nós, nazistas e fascistas, desejamos a paz”

Também em 1936, a Alemanha assinou pactos com a Espanha, a fim de apoiar a ditadura de Francisco Franco,

e com o Japão, com o objetivo de frear a expansão soviética sobre a Ásia. Já em 1939, Alemanha e União Soviética assinaram o Pacto Germânico-Soviético de não-agressão.

O estopim para a Segunda Guerra Mundial

Durante 1938, a Alemanha nazista anexou a Áustria e parte da antiga Tchecoslováquia. Esse desejo por aumentar seu território era pautado na **Teoria do Espaço Vital**, ideia que surgiu do sentimento alemão de revolta por ter perdido terras após a Primeira Guerra Mundial. A teoria ainda pregava que a raça ariana deveria ter um único território e expandi-lo ao máximo, formando “um guia, um império, um povo”, conforme dizia Hitler.

Foi a Teoria do Espaço Vital que levou Hitler a invadir a Polônia, em 1939, buscando recuperar o domínio sobre a cidade de Danzig. Existiram várias tentativas anteriores de reanexar o território, mas apenas em 1º de setembro de 1939 o objetivo foi atingido. Inaugurando a estratégia que ficaria conhecida como **blitzkrieg** (guerra-relâmpago), a Alemanha nazista lançou um feroz ataque aéreo e terrestre sobre a cidade polonesa.

Diante da insistência e sucesso de Hitler em reconquistar Danzig, Reino Unido e França declararam guerra ao país germânico no dia 3 de setembro de 1939. **Esse foi o início da Segunda Guerra Mundial.**

Logo após o decreto de guerra, os alemães invadiram a Dinamarca, Noruega, Holanda e Bélgica. Em 1940, as tropas nazistas avançaram e ocuparam o sul da França. Logo após, formou-se:

- o **Eixo** – um pacto de apoio mútuo entre Alemanha, Japão e Itália contra ataques de países ainda não envolvidos na Segunda Guerra Mundial, como os Estados Unidos.
- os Aliados, como ficou conhecida a oposição ao Eixo, formada por diversos países. O grupo tinha como lideranças o Reino Unido e a França em um primeiro momento.

O grande erro estratégico de Hitler

Em junho de 1941, Hitler quebrou o Pacto Germânico-Soviético e invadiu a União Soviética. As tropas nazistas chegaram perto de conquistar a cidade de Stalingrado, mas em dezembro foram derrotadas pelo Exército Vermelho, como eram conhecidas as tropas soviéticas, que usaram o rigoroso inverno russo como arma.

Ao quebrar o tratado com a URSS, os alemães fizeram a Segunda Guerra Mundial aumentar suas proporções. Em 1941, os soviéticos juntaram-se aos Aliados, levando a Alemanha a ter que lutar em duas frentes: a oeste, com os ingleses, e a leste, com o Exército Vermelho.

Pearl Harbor e os Estados Unidos na guerra

Com desejo de explorar recursos do Sudeste Asiático, os quais alimentariam a indústria voltada para a Segunda Guerra Mundial, o **Japão** lançou uma série de ataques. Além de mirar o próprio Sudeste Asiático, os japoneses buscaram neutralizar a frota naval estadunidense localizada na região central do Oceano Pacífico. Assim, em dezembro de 1941 a base militar estadunidense de Pearl Harbor, no Havaí, foi bombardeada.

Esse ataque configurou outra “virada” na Segunda Guerra Mundial, pois levou os Estados Unidos, o Reino Unido, a China e a Austrália a declararem formalmente guerra contra o Japão. Assim, por conta do pacto de apoio mútuo assinado em 1940, a Itália e a Alemanha declararam guerra a esses Estados, apoiando o Japão.

No que China e Estados Unidos apoiaram Reino Unido e França, os chamados **Quatro Grandes**, os Aliados se fortaleceram. As constantes batalhas perdidas pelo Eixo, somando às baixas alemãs no rigoroso inverno russo, geraram um clima de medo e instabilidade e fizeram com que a Itália se retirasse do conflito em 1943. A partir daí o Eixo declinou ainda mais.

O Dia D

Já enfraquecido, o Eixo sofreu uma derrota fundamental no dia 6 de junho de 1944, conhecido como **Dia D**. Nessa data, mais de 150 mil soldados aliados desembarcaram na Normandia, localizada no Noroeste da França. A megaopeção também foi responsável por libertar Paris em 25 de agosto de 1944. Agora, os nazistas estavam acuada e perdendo o território que haviam conquistado.

Posteriormente, em 2 de maio de 1945, os soviéticos ocuparam Berlim após libertarem a Polônia. Hitler já havia cometido suicídio dias antes, em 30 de abril, e por isso a rendição alemã veio rapidamente. Em 5 de maio de 1945 a guerra acabava na Europa.

O Tratado de Potsdam

Em julho de 1945, foi realizada a Conferência de Potsdam, na Alemanha. Nesse encontro, vencedores e perdedores da Segunda Guerra Mundial assinaram o Tratado de Potsdam. Novamente, a Alemanha foi culpada pelo conflito e precisou pagar uma alta indenização aos Aliados.

Duas Alemanhas

Além da punição financeira, a Alemanha também foi dividida em quatro zonas de ocupação militar: estadunidense, soviética, britânica e francesa. O objetivo dessa divisão era facilitar a tarefa de administrar o país para que ele fosse reconstruído, juntamente com a economia europeia. Também era de interesse dos Aliados evitar que um novo sentimento revanchista surgisse na Alemanha, de forma a repetir a história que culminou na Segunda Guerra Mundial.

No entanto, as divergências sobre como coordenar os territórios tornaram-se um problema. Enquanto os Estados ocidentais – liderados pelos Estados Unidos, já que Reino Unido e França foram política, econômica e socialmente enfraquecidos pela Segunda Guerra Mundial – priorizavam a recuperação tanto alemã quanto europeia, a União Soviética exigia maiores reparações pelos prejuízos causados pelo conflito.

O fato de as três regiões ocidentais buscarem unificar-se e serem coordenadas de uma mesma maneira fez acabar a divisão da Alemanha em quatro partes, passando a valer a separação em duas zonas de ocupação: a Oriental e a Ocidental. Essa separação, **ideologicamente** criada

pelos Estados ocidentais, foi transformada em uma realidade inegável em 13 de agosto de 1961. Nessa data a URSS construiu o famoso **Muro de Berlim**, que dividiu fisicamente não apenas a cidade, mas o país. Assim, surgiram a Alemanha Ocidental (capitalista) e a Alemanha Oriental (socialista).

O Tribunal de Nuremberg

O Tratado de Potsdam também criou o **Tribunal de Nuremberg**, que começou a funcionar a partir de novembro de 1945. Esse Tribunal foi criado com a função de analisar, julgar e condenar os envolvidos nos crimes contra a humanidade cometidos durante a Segunda Guerra Mundial, e ficou ativo por um ano. Sua atuação provocou importantes efeitos jurídicos e filosóficos que, dentre outras questões, levaram à redação da carta de Direitos Humanos, em 1948, e serviram como um “primeiro passo” na criação do Tribunal Penal Internacional, em 1998.

E o Japão?

Mesmo após a rendição alemã e da assinatura do Tratado de Potsdam, os japoneses não desistiram. A imensa área que tinha sido ocupada pelo país no Oceano Pacífico durante o início da Segunda Guerra Mundial já vinha diminuindo desde a entrada dos Estados Unidos no conflito, mesmo assim os japoneses persistiam.

Como o inimigo não se rendia, os Estados Unidos promoveram uma horrível demonstração de força: os **ataques atômicos** em Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945, e pouco depois, em 9 de agosto, o alvo foi a cidade de Nagasaki.

Os ataques são considerados “horrríveis” pelos efeitos destruidores das armas nucleares, os quais não se resumem aos dias dos ataques, mas alastram-se por décadas por conta da radiação, responsável por matar outras 80 mil pessoas nos anos após o ataque em Hiroshima.

Enquanto alguns acreditam que o **lançamento das armas nucleares foi necessário para agilizar o fim do conflito**, evitando uma invasão ao Japão e, assim, poupando muitas vidas, outros tantos discordam. Esse grupo de pesquisadores entende o uso das bombas atômicas como uma forma de demonstrar força para a União Soviética, antecipando o conflito ideológico que viria a se acirrar até instalar-se a Guerra Fria.

Após os ataques atômicos, a URSS expulsou tropas japonesas que ainda ocupavam a Manchúria, região localizada no Nordeste da China. Em 2 de setembro de 1945, o Japão se rendeu, e **assim acabava, definitivamente, a Segunda Guerra Mundial**.

A Segunda Guerra Mundial resultou no maior número de mortes, civis e militares, em toda a história. A Alemanha ficou novamente enfraquecida e, como dito, teve seu território dividido. A divisão que inicialmente era ideológica tornou-se realidade com a construção do Muro de Berlim em 1961, permanecendo assim por 28 anos, até a sua queda, em 1989.



ATIVIDADES

4. Explique de que maneira o Tratado de Versalhes contribuiu para o fortalecimento do sentimento de vingança na Alemanha e para a ascensão do Partido Nazista.
5. De que maneira a crise de 1929 influenciou a sociedade alemã e favoreceu a aceitação do discurso nazista pela população?
6. Explique sobre a Teoria do Espaço Vital e como ela influenciou as ações expansionistas da Alemanha antes do início da Segunda Guerra Mundial.
7. Explique como o rompimento do pacto germano-soviético afetou a dinâmica da guerra e foi considerado um erro estratégico de Hitler na guerra.
8. Compare os objetivos e interesses dos países que formavam o Eixo e dos que integravam os Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.
9. Analise os impactos políticos e sociais do pós-guerra para a Alemanha, considerando a divisão do território e a construção do Muro de Berlim.
10. Quais acontecimentos decisivos em 1945 levaram à rendição da Alemanha e do Japão, e de que forma cada um deles contribuiu para o fim da Segunda Guerra Mundial?
11. Como o desfecho da Segunda Guerra Mundial impactou a reorganização política mundial e levou à criação de novas instituições internacionais?

DE NA

AValiação
DE BLOCO

12. Analise a charge a seguir.



Tendo como algumas das características dos sistemas totalitários o culto ao líder e a centralização do poder, a charge

- (A) critica a manipulação da sociedade por meio da exaltação exagerada da figura do líder, mostrando como isso pode anular o pensamento crítico da população.
- (B) retrata de maneira neutra os regimes totalitários, sem emitir juízo de valor sobre suas práticas.
- (C) defende a centralização do poder como forma eficaz para garantir a ordem, retratando o líder como um herói nacional.
- (D) destaca os benefícios do controle absoluto do Estado sobre a sociedade, destacando a eliminação de conflitos e divergências políticas.

13. A ideologias totalitárias foram moldes para se construir estratégias militares e políticas internas e externas, durante a Segunda Guerra Mundial. **Com base nesse contexto, como essas ideologias impactaram o desenvolvimento da guerra?**

- (A) Incentivaram a formação de alianças democráticas entre os países do eixo, por meio do diálogo político.
- (B) Evitaram confronto direto com os outros países para preservar sua população.
- (C) Acreditavam na superioridade racial, incentivando a conquista territorial a partir de campanhas militares expansionistas e agressivas.
- (D) Lutavam pela estabilidade econômica e por uma liderança política, porém não queriam que se iniciasse uma guerra.

CINE
PIPOCA



1. A QUEDA! AS ÚLTIMAS HORAS DE HITLER.

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 16 anos.

Traudl Junge trabalhava como secretária de Adolf Hitler durante a Segunda Guerra Mundial. Ela narra os últimos dias do líder alemão, que estava confinando em um bunker.



2. MENINO 23.

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 12 anos.

O filme retrata a história real de crianças negras levadas de um orfanato para uma fazenda no interior do Rio de Janeiro, onde sofreram trabalho forçado, violência e racismo por uma família simpatizante do nazismo. Baseada na pesquisa de Sidney Aguilar Filho, a obra revela a influência de ideias eugenistas e fascistas no Brasil durante a década de 1930.

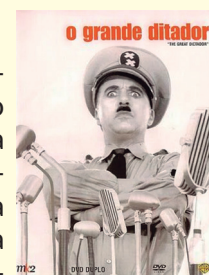


3. O GRANDE DITADOR.

SINOPSE:

Classificação: Livre

Adenoid Hynkel, ditador de Tomânia, impõe um regime autoritário baseado na supremacia ariana e na perseguição aos judeus. Um barbeiro judeu, que sofre de amnésia após a Primeira Guerra Mundial, volta para casa e passa a ser perseguido, vivendo em um gueto onde conhece Hannah, por quem se apaixona. Enquanto isso, Hynkel planeja invadir o país vizinho, Osterlich e negocia com o ditador da Bactéria, Benzino Napaloni, para expandir seu poder.



Leia o texto.

Texto III

A República Populista

O período da história política do Brasil que se inicia após a Era Vargas, em 1946, e se encerra com o Golpe Civil-Militar de 1964, ficou conhecido como Quarta República Brasileira ou República Populista. Durante esses anos, o país vivenciou um expressivo crescimento econômico e industrial, acompanhado por um processo acelerado de urbanização. Contudo, esse progresso veio acompanhado do agravamento das desigualdades sociais já existentes.

Esse período foi marcado pelo retorno do pluripartidarismo no Brasil, após a proibição imposta durante o Estado Novo. Essa reorganização política começou a se consolidar com o Ato Adicional decretado por Getúlio Vargas no início de 1946, que criou condições para a formação de novos partidos no país.

Os três grandes partidos que atuaram ao longo da República populista foram:

- **União Democrática Nacional (UDN)** – partido de orientação conservadora e que tinha uma visão bem moralista da política. Eram altamente antivarguista e anticomunistas. Ao longo desse período, tentaram por diversas vezes tomar o poder a partir de medidas golpistas que iam contra a legalidade constitucional. Um grande representante desse partido foi Carlos Lacerda.

- **Partido Social Democrático (PSD)** – esse partido surgiu a partir da estrutura burocrática criada por Getúlio Vargas durante o Estado Novo. Além de ter sido criado pelos interventores que haviam sido nomeados por Vargas, o PSD teve grande capacidade eleitoral. Os quadros do PSD eram extremamente habilidosos em angariar votos e eleger candidatos, o que fez dele o maior partido do período. Um grande nome desse partido foi Juscelino Kubitschek.

- **Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)** – foi criado por Vargas como continuidade do seu projeto de estabelecer uma política de aproximação com as massas, sobretudo dos trabalhadores urbanos. Ao longo da República Populista, o PTB aproximou sua política para implantar medidas defendidas pela esquerda. Os grandes nomes desse período foram Getúlio Vargas e João Goulart.

A experiência democrática (1946-1964)

Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) – A Nova Constituição e o Alinhamento na Guerra Fria

Dutra foi eleito após a queda do Estado Novo, seu governo tinha como principal missão redemocratizar o país, culminando na Constituição de 1946, que garantiu as liberdades civis e o voto secreto.

No contexto no início da Guerra Fria, Dutra aliou-se fortemente aos Estados Unidos. Ele rompeu relações diplomáticas com a União Soviética e colocou o Partido Comunista Brasileiro (PCB) na ilegalidade.

Na economia abriu o mercado para importações de produtos estrangeiros, o que acabou consumindo rapida-

mente as reservas de dinheiro que o Brasil havia guardado durante a Segunda Guerra. Criou o Plano SALTE (Saúde, Alimentação, transporte e Energia), mas com poucos resultados.

Getúlio Vargas (1951-1954) – O retorno nos “braços do Povo” e o nacionalismo

Vargas, que havia sido ditador anos antes, voltou ao poder de forma democrática, eleito pelo voto popular. Seu governo democrático foi marcado por uma forte política nacionalista e por uma intensa oposição política e midiática.

No campo econômico, Vargas defendia que as riquezas naturais do Brasil deveriam ser controladas pelo próprio país. Foi nesse período que ocorreu a campanha “O Petróleo é Nosso”, que resultou na criação da Petrobras (1953) e da Eletrobras.

Seu governo também foi marcado por uma crise política, que acabou com um fim trágico. A oposição (liderada pelo jornalista Carlos Lacerda e pela UDN) acusava o governo de corrupção e autoritarismo. Pressionado por militares e opositores a renunciar, Vargas cometeu suicídio em 24 de agosto de 1954, deixando uma carta-testamento.

“E aos que pensam que me derrotaram respondo com a minha vitória. Era escravo do povo e hoje me liberto para a vida eterna. Mas esse povo de quem fui escravo não mais será escravo de ninguém. Meu sacrifício ficará para sempre em sua alma e meu sangue será o preço do seu resgate. Lutei contra a espoliação do Brasil. Lutei contra a espoliação do povo. Tenho lutado de peito aberto. O ódio, as infâmias, a calúnia não abateram meu ânimo. Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte.”

Disponível em: <https://abre.ai/pjva>. Acesso em: 22 mai. 2026.



Disponível em: <https://abre.ai/pjWH>. Acesso em: 25 mai. 2026.

O ato gerou grande comoção nacional e adiou os planos e um golpe militar na época.



Disponível em: <https://abre.ai/pjWG>. Acesso em: 25 mai. 2025.

Juscelino Kubitschek (1956-1961) – Os Anos Dourados e o Desenvolvimentismo

Após um breve período de transição turbulento, JK assumiu a presidência com o famoso slogan “50 anos de progresso em 5 anos de governo”. Foi um período de grande otimismo cultural (o auge da Bossa Nova) e estabilidade política.

JK e seu **Plano de Metas** focou no desenvolvimento industrial, abrindo a economia para empresas estrangeiras, especialmente as indústrias automobilísticas (como montadoras de carros).

A Construção de Brasília foi o maior símbolo do seu governo. Brasília foi projetada por Oscar Niemeyer e Lúcio Costa para modernizar e integrar o interior do Brasil.

Embora o país tenha se modernizado, as grandes obras e empréstimos geraram uma inflação alta e uma dívida externa pesada, com grandes consequências econômicas para os próximos presidentes resolverem.



Construção de Brasília.

Disponível em: <https://abre.ai/pjW4>. Acesso em: 25 mai. 2026.



Disponível em: <https://abre.ai/pjXi>. Acesso em: 25 mai. 2026.

Jânio Quadros (Março a Agosto de 1961) – A política externa independente e a Renúncia

Jânio foi eleito com uma votação recorde, usando o símbolo de uma vassoura para prometer “varrer a corrupção” do país. Seu governo, no entanto, durou apenas sete meses e foi um dos mais bizarros da história política brasileira.

Jânio passou a adotar medidas incomuns, como a proibição de brigas de galo, o uso de biquínis nas praias e o lan-

ça-perfume em bailes de carnaval.

Na política externa, em plena Guerra Fria, ele tentou aproximar o Brasil do bloco socialista para abrir mercados. Ele condecorou o revolucionário cubano **Che Guevara** com a maior honraria do Brasil (a Ordem do Cruzeiro do Sul), o que enfureceu a classe média, a imprensa e os militares brasileiros.

Em um cenário de muita crise em agosto de 1961, acreditando que o povo e o congresso implorariam por seu retorno, Jânio renuncia ao cargo. A estratégia falhou, o Congresso aceitou a renúncia imediatamente, abrindo uma crise institucional.



Disponível em: <https://abre.ai/pjXX>. Acesso em: 25 mai. 2026.



Disponível em: <https://abre.ai/pjXX>. Acesso em: 25 mai. 2026.



Disponível em: <https://abre.ai/pj78>. Acesso em: 26 mai. 2026.

João Goulart (1961-1964) – Crise, Parlamentarismo e o Caminho para o Golpe

Jango era o vice-presidente de Jânio (na época, votava-se para presidente e vice separadamente). Os militares e a oposição tentaram impedir sua posse, acusando-o de ser simpatizante do comunismo devido às suas ligações com sindicatos e com o trabalhismo de Vargas.

Como condição para assumir o cargo, o Congresso reduziu os poderes de Jango, criando o sistema parlamentarista (onde um Primeiro-Ministro governava). Esse sistema perdurou entre 1961 e 1963, quando ocorreu um plebiscito e o povo votou pelo retorno do **Presidencialismo**, devolvendo os poderes totais a Jango.

A ampla vitória de Goulart no plebiscito representou também um endosso popular às Reformas de Base defendidas por Jango. O objetivo dessas reformas era promover mudanças estruturais na sociedade brasileira, buscando reduzir as desigualdades sociais, ampliar direitos e modernizar a economia do país.

Entre as principais propostas estavam a reforma agrária, que pretendia desapropriar grandes propriedades improdutivas para distribuir terras aos trabalhadores rurais; a reforma educacional, voltada para ampliar o acesso à educação e combater o analfabetismo; a reforma fiscal, que buscava tornar a cobrança de impostos mais justa; e a reforma urbana, relacionada à melhoria das condições de moradia e à regulamentação do valor dos aluguéis. Também estavam previstas mudanças no sistema bancário, eleitoral e universitário.

As reformas ganharam apoio de sindicatos, movimentos populares e grupos de esquerda, que defendiam transformações sociais mais profundas no país. Por outro lado, setores conservadores, empresários, parte das Forças Armadas e grupos ligados às elites econômicas viam essas propostas como uma ameaça aos seus interesses e associavam Jango ao avanço do comunismo, em um contexto marcado pela Guerra Fria.

Em março de 1964, durante o comício da Central do Brasil, no Rio de Janeiro, Jango reafirmou publicamente seu compromisso com essas mudanças. Esse movimento intensificou as tensões políticas no Brasil e poucas semanas depois, ocorreu o golpe civil-militar de 1964, que depôs o presidente e deu início à ditadura militar no Brasil.

Como é possível perceber, o golpe de 1964 não foi um evento isolado ou uma surpresa repentina na história do Brasil. Ele foi resultado de um processo que se arrastou por anos. A economia fragilizada pelo endividamento da era JK, Jânio Quadros, com suas decisões imprevisíveis e sua renúncia inesperada, o que abriu portas para uma crise política sem precedentes.

Compreender esse período é importante para entender que nenhum grande acontecimento político nasce do nada. Crises econômicas prolongadas e a falta de diálogo entre grupos opostos criam ambientes de instabilidade onde soluções autoritárias passam a ser vistas, perigosamente, como saídas fáceis. Olhar para o colapso da democracia em 1964 é lembrar que a estabilidade de um país depende do equilíbrio social, da responsabilidade

econômica e, acima de tudo, do respeito contínuo às regras democráticas. O passado serve de alerta para que o presente saiba proteger o futuro.

Elaborado para fins didáticos.

Fontes: FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo: EDUSP, 2019.

SKIDMORE, Thomas E. Brasil: de Getúlio a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

gov.br/arquivonacional

cpdoc.fgv.br



ATIVIDADES

14. Quais os principais avanços e desafios enfrentados pelo Brasil durante a República populista?

15. (UDESC – Adaptado) Sobre o período que sucede o Estado Novo, até a ocorrência do Golpe Civil-Militar (1945-1964), é correto afirmar:

- A) Jânio Quadros e João Goulart uniram forças na oposição e renunciaram juntos, permitindo a formação de uma junta militar e de um governo democrático.
- B) Após o Estado Novo, houve um retorno ao autoritarismo, com a reimplantação da Constituição de 1937.
- C) A redemocratização do Brasil só aconteceu com o Ato Institucional nº 1, criado pelos militares.
- D) Houve, por um breve período, a adoção do regime parlamentarista.

16. Explique como a Guerra Fria influenciou política brasileira e contribuiu para a polarização que antecedeu o golpe civil-militar de 1964?

17. Getúlio Vargas retornou ao poder em 1951 pelo voto popular. O que o nacionalismo econômico defendido por ele buscava e qual empresa criada nesse período é o principal exemplo dessa política.

18. Apesar de ter governado por apenas sete meses, Jânio Quadros gerou grandes críticas, devido à sua “política externa independente”. De acordo com o texto, qual atitude gerou forte indignação e qual era sua pretensão política com essa ação?

19. (ENEM 2013 - Adaptada)



Meta de Faminto

JK — Você agora tem automóvel brasileiro, para correr em estradas pavimentadas com asfalto brasileiro, com gasolina brasileira. Que mais quer?

JECA — Um prato de feijão brasileiro, seu doutô!

THÉO. In: LEMOS, R. (Org.). Uma história do Brasil através da caricatura (1840-2001). Rio de Janeiro: Bom Texto; Letras & Expressões, 2001.

A charge ironiza a política desenvolvimentista do governo Juscelino Kubitschek, ao

- (A) evidenciar que o incremento da malha viária diminuiu as desigualdades regionais do país.
- (B) enfatizar que o crescimento econômico implicou aumento das contradições socioespaciais.
- (C) ressaltar que o investimento no setor de bens duráveis incrementou os salários de trabalhadores.
- (D) destacar que a modernização das indústrias dinamizou a produção de alimentos para o mercado interno.

20. (FIP-Moc – Adaptado) O discurso de posse de Jânio Quadros foi uma denúncia das condições em que recebia o governo: “sacamos contra o futuro muito mais do que a imaginação ousa arriscar (...) cumpre agora saldar amargamente”.

Fonte: RICUPERO, Rubens – A diplomacia na construção do Brasil – 1750-2016. Versal Editora, 2017.

A situação descrita é justificada pelo:

- A) Crescimento da taxa inflacionária e do déficit orçamentário, no período final do governo de Juscelino Kubitschek.
- B) Desastre da política de valorização dos Mil Réis, resultando em uma balança comercial desfavorável aos interesses nacionais.
- C) Aumento de 100% do salário mínimo, proposto por João Goulart, Ministro da Economia, no segundo Governo Vargas.
- D) Término do chamado “Milagre Econômico”, resultante da desvalorização do dólar, moeda de cota de petróleo.

21. O governo de JK é muito lembrado pelo slogan “50 anos de progresso em 5 anos de governo” e pela construção de Brasília. No entanto, o texto aponta que esse modelo desenvolvimentista do seu governo, deixaram consequências econômicas graves para os próximos presidentes. Quais consequências foram essas?

22. O governo de João Goulart (1961-1964) foi marcado por grande instabilidade política, sendo constantemente ameaçado por articulações golpistas e disputas entre diferentes forças sociais e institucionais. De que maneira as propostas de Jango contribuíram para o aumento da oposição ao seu governo?

1. GETÚLIO

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 12 anos.

O filme acompanha o então presidente do Brasil Getúlio Vargas, em seus 19 últimos dias de vida. Pressionado por uma crise política sem precedentes, em decorrência das acusações de que teria ordenado o atentado contra o jornalista Carlos Lacerda, ele avalia os riscos existentes até tomar uma decisão que mudará o rumo da política do Brasil.



2. O DIA QUE DUROU 21 ANOS

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 12 anos.

O documentário revela a influência dos Estados Unidos no Golpe de 1964 no Brasil, destacando o envolvimento da CIA e da Casa Branca na derrubada de João Goulart e no apoio à ditadura militar liderada por Castelo Branco, com base em documentos e gravações da época.

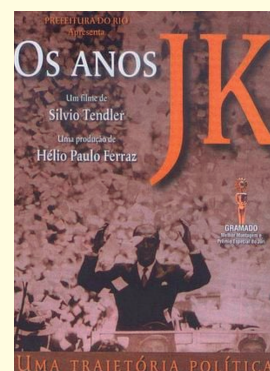


3. OS ANOS JK – UMA TRAJETÓRIA POLÍTICA.

SINOPSE:

Classificação: Livre

O documentário traça um panorama do Brasil de 1945 a 1964, tendo como personagem central Juscelino Kubitschek. Fazendo uso de cinejornais, filmes de pequenos produtores, fotografias e material pesquisado em estações de TV, entrevistas com nomes expressivos da política nacional. Aborda fatos marcantes da história como o suicídio de Vargas, a construção de Brasília, os governos de Jânio Quadros e de João Goulart e o golpe de 1964.



Leia o texto.

Texto IV

Ditadura Militar no Brasil.

Desde a sua proclamação em 1889, a República brasileira passou por diversas fases, cada uma marcada por características políticas e sociais distintas. Entre 1945 e 1964, o país vivenciou um período de grande instabilidade política e crises econômicas, com destaque para a

CINE
PIPOCA



SUGESTÕES DE FILMES PARA CONTEXTUALIZAÇÃO COM O PERÍODO ESTUDADO E PARA CONTRIBUIR COM O TEMA:

inflação crescente. Nesse contexto, intensificado pela Guerra Fria, o medo do comunismo pairava por toda a sociedade brasileira, contribuindo para uma forte polarização política. Esse cenário instável tornou-se propício para a intervenção militar que, a partir de 1964, deu início a uma ditadura que duraria 21 anos.

É importante lembrar que esse contexto se deu em plena Guerra Fria, período marcado pelo temor do chamado “perigo comunista”. Após o fim da Segunda Guerra Mundial, iniciou-se um conflito ideológico e geopolítico entre os Estados Unidos, defensores do capitalismo, e a União Soviética, representante do socialismo, em uma disputa pela supremacia econômica, política e militar no cenário global.

Nesse cenário, os Estados Unidos, com medo da expansão socialista, principalmente depois da Revolução Cubana, passaram a intervir ativamente nos países da América Latina para impedir o crescimento das ideias consideradas comunistas. As ditaduras militares na região foram mecanismos para frear esses movimentos e tanto no Brasil, quanto em outros países latino-americanos, foram apoiados pelos Estados Unidos.

Em março de 1964, ocorreu a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, um movimento organizado por setores da sociedade civil em oposição ao governo de João Goulart. Durante as manifestações, os participantes carregavam terços, bandeiras do Brasil e cartazes com frases como “Abaixo o Comunismo”, “Vermelho boom, só o da nossa bandeira” e “O Brasil não será uma nova Cuba”. O movimento fortaleceu as articulações entre generais e governadores oposicionistas, contribuindo para o avanço do Golpe, ocorrido poucos dias depois.

A Marcha da Família com Deus pela Liberdade é um dos exemplos mais marcantes de como uma ruptura democrática pode contar com amplo apoio de setores civis da sociedade. O movimento demonstra que o golpe de 1964 não foi um ato puramente militar, mas sim civil-militar, impulsionado pelo medo ideológico, pela defesa de valores tradicionais e pela incapacidade de diálogo político em um momento de profunda crise econômica e social.



Disponível em: <https://abre.ai/pkcU>. Acesso em: 26 mai. 2026.

Confira o Infográfico

DITADURA MILITAR NO BRASIL (1964-1985)



A Ditadura Militar foi iniciada por um **golpe militar** realizado em 1964 contra o então presidente João Goulart. Vem conhecer mais sobre a ditadura neste infográfico!

QUEM FOI JOÃO GOULART?



João Goulart "Jango" assumiu a presidência do Brasil em 1961 após a renúncia de Jânio Quadros. O projeto político de Jango incluía promover reformas de base com o objetivo de reduzir desigualdades, como:



- reforma agrária
- reforma fiscal
- reforma administrativa

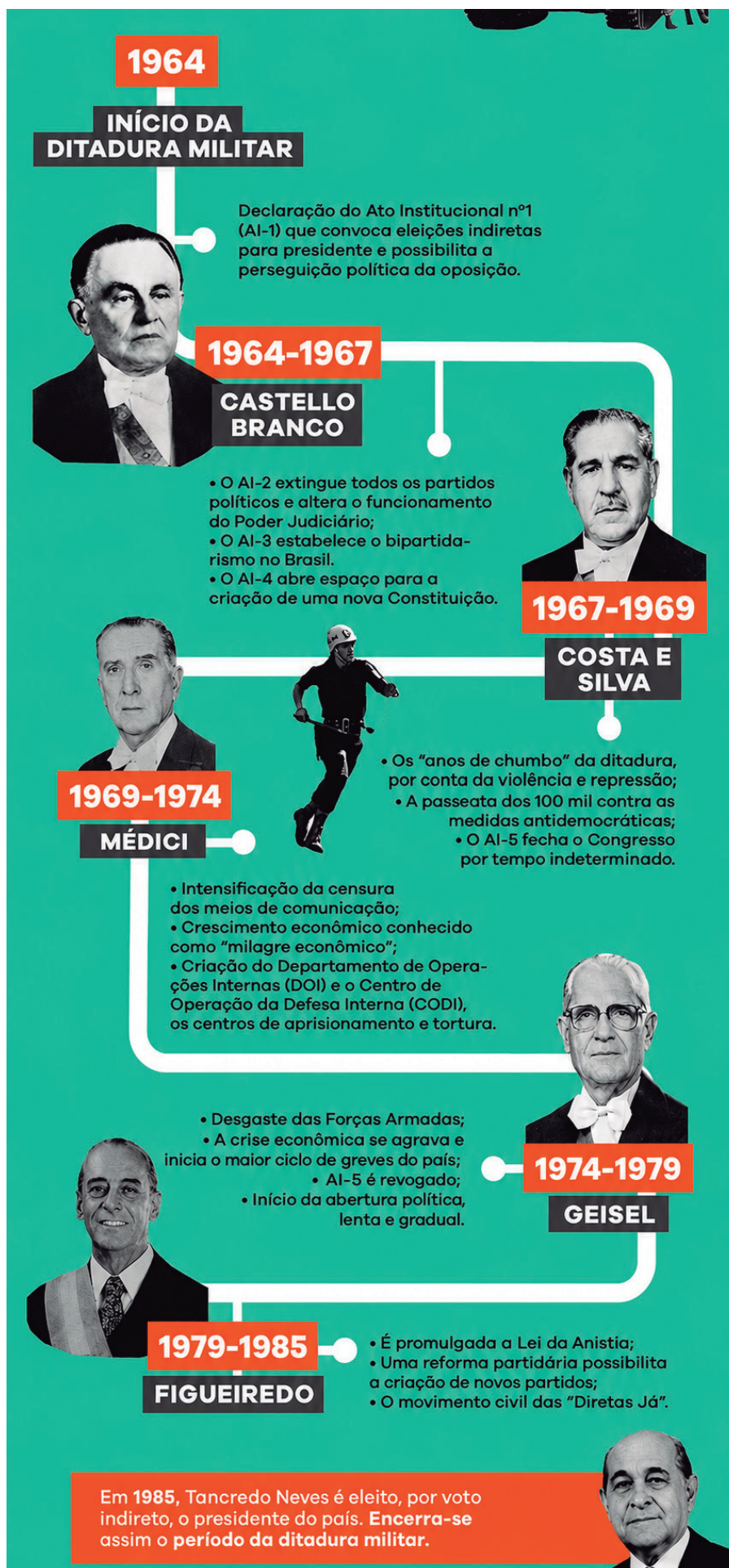
ANTECEDENTES DO GOLPE MILITAR



- Contexto mundial de Guerra Fria e o medo da expansão socialista para os países da América Latina;
- Insatisfação com o projeto político de Jango;
- Pela proximidade com sindicatos e trabalhadores, Jango passa a ser considerado um "perigo comunista";
- O governo dos Estados Unidos se aproxima dos militares e da elite econômica brasileira.

No dia 31 de março de 1964, tanques do exército são enviados para o Rio de Janeiro, Jango é obrigado a se exilar e a junta militar assume o poder.







ATIVIDADES

23. A partir do exposto, explique qual era o contexto político brasileiro, que antecedeu a Ditadura Militar?

24. A atuação da sociedade civil no processo do golpe civil-militar que resultou na deposição de João Goulart e no início da Ditadura Militar com a implantação do AI-1 e da eleição indireta de Humberto Castello Branco, deu-se por meio da:

- (A) Ipes.
- (B) Frente Ampla.
- (C) Rede da Democracia.
- (D) Marcha da Família com Deus pela Liberdade.

25. (ENEM 2010 – Adaptado)

Ato Institucional nº 5

Art. 10 - Fica suspensa a garantia de habeas corpus, nos casos de crimes políticos, contra a segurança nacional, a ordem econômica e social e a economia popular.

Art. 11 - Excluem-se de qualquer apreciação judicial todos os atos praticados de acordo com este Ato Institucional e seus Atos Complementares, bem como os respectivos efeitos.

Disponível em: <http://www.senado.gov.br>. Acesso em: 29 jul. 2010.

Nos artigos do AI-5 selecionados, o governo militar procurou limitar a atuação do poder judiciário, porque isso significava

- (A) a substituição da Constituição de 1967.
- (B) o início do processo de distensão política.
- (C) a ampliação dos poderes nas mãos do executivo.
- (D) a revogação dos instrumentos jurídicos implantados durante o regime militar.



Colaboração

Prof. Fernando Dominience
Colégio Estadual Pol. Profº Goiany Prates.

Leia o texto.

Texto V

“Aqueles que pensaram o ‘Brasil grande’”: a geopolítica nacional e o “Brasil potência”

A construção da rodovia Transamazônica foi anunciada durante o governo Médici, em 1970, como parte do Programa de Integração Nacional. Sua construção se justificava como uma preocupação social, por representar uma alternativa às mazelas provocadas pelas secas do Nordeste, e um imperativo de segurança nacional, ao possibilitar a integração da Amazônia à soberania nacional. Economicamente incorporaria a Amazônia à economia do país, ampliando sua possibilidade de crescimento. No entanto, associada à ideia de um “destino manifesto da nação”, a obra tornou-se um símbolo do projeto do “Brasil grande” e da busca por legitimar o

regime militar.

É importante entender o porquê a Rodovia Transamazônica foi construída e como essa obra está ligada à ideia do “Brasil grande” durante o chamado “milagre econômico” da ditadura militar. Essa noção de um país forte e grandioso não surgiu nesse período, mas já fazia parte da imaginação e dos planos de desenvolvimento dos militares e governantes desde o começo do século XX.

Durante o governo militar, a primeira vez que o Brasil foi oficialmente tratado como uma possível potência mundial foi no plano de governo do presidente Médici, chamado “Metas e Bases para a Ação do Governo”. Esse tipo de plano serve para explicar o que o governo pretende fazer nas áreas política, econômica e social, e geralmente é apresentado logo no início de cada mandato. Os dois primeiros governos após o golpe de 1964 focaram bastante no crescimento econômico, mas foi no governo Médici que esse entusiasmo com o desenvolvimento atingiu seu auge.

O governo de Castello Branco, primeiro presidente do período militar começou com o compromisso de controlar a grave crise econômica que ele chamou de “orgia inflacionária”, referindo-se à situação deixada pelo governo de João Goulart, seu governo assumiu para si “a tarefa gigantesca de reconstruir economicamente o país”. Tocando em questões como: atenuar os desníveis econômicos regionais, assegurar oportunidades de emprego, corrigir o déficit da balança de pagamento e conter o processo inflacionário, o Programa de Ação Econômica do Governo (1964 - 1966) teve como propósito básico a estabilização econômica visando “acelerar o ritmo de desenvolvimento econômico do país, interrompido entre 1962 e 1963.

O governo de Costa e Silva começou apresentando suas propostas de trabalho reconhecendo que o presidente anterior teve avanços importantes na economia. Entre essas conquistas estavam a redução da inflação, a melhora das contas públicas e a recuperação da confiança do Brasil no cenário internacional. Dessa forma, tendo por meta básica a aceleração do desenvolvimento, entende que a economia nacional se encontra estabilizada de modo a sentir-se à vontade em propor realizar o “desenvolvimento econômico acelerado, expresso no aumento da produção nacional de bens e serviços por habitantes, que permitirá a efetivação do potencial brasileiro de recursos físicos e humanos”. Nesse sentido, fala ainda “em escapar à armadilha do subdesenvolvimento”.

O Governo Médici, comprometendo-se com o “jogo da verdade” – o que significa “evitar a linguagem da promessa” – e dizendo-se sensível à justificável impaciência dos brasileiros com os documentos de planejamento, alegando que esses apresentaram um grande descompasso entre a sua elaboração e a

sua implementação nos governos anteriores a 1964, divulga as Metas e Bases Para Ação do Governo como um documento de natureza eminentemente prática.

Atribui ainda aos dois primeiros governos militares o mérito de reconstruírem economicamente o país e criarem as bases para o seu desenvolvimento acelerado. Essa avaliação expressa a compreensão de um desenvolvimento econômico contínuo, após o golpe de 1964, marcado segundo Médici por dois momentos essenciais, que correspondem ao primeiro e ao segundo governo do regime: garantindo aquele “a salvação nacional” e esse a “retomada do progresso em bases estáveis”, sendo que ao terceiro governo é legado consagrar a proeza do regime no plano do desenvolvimento econômico, sendo que ao terceiro governo é legado consagrar a proeza do regime no plano do desenvolvimento econômico.

Nesse contexto, o plano de Metas para a Ação do Governo Médici demonstra um tom bastante otimista ao estabelecer como principal objetivo fazer com que o Brasil entrasse para o grupo de países desenvolvidos até o final do século. A proposta era construir uma sociedade verdadeiramente desenvolvida e soberana, garantindo, assim, a viabilidade econômica, social e política do Brasil como uma grande potência.

Dessa forma, o entusiasmo do seu objetivo central ecoa o desempenho econômico do governo Médici no seu primeiro ano de governo. Com a economia revigorada, em 1969 o crescimento do Produto Interno Bruto é de 9,5%, o crescimento das exportações aumentou 23% em relação ao ano anterior, houve ainda expansão do setor industrial e a taxa de poupança bruta foi de 21,3%, índice jamais atingido e nunca igualado. Dessa forma, embalado por essa euforia, durante o Governo Médici o Brasil viveria sob o signo do “Brasil potência” e dos desdobramentos políticos daí decorrentes.

Eram os tempos do “milagre brasileiro”. Conhecido como a face autoritária do regime, o presidente dos “anos de chumbo” era também o presidente do milagre, de um país que apresentou um índice de crescimento anual de 10,4% em 1970, uma marca considerável que terminou o século XX não foi igualada. Sob seu governo, “o Brasil tornara-se a décima economia do mundo, oitava do ocidente, primeira do hemisfério sul”. Falava-se de um “Brasil grande”. Segundo Élio Gaspari, vivia-se “diante de um governo que oferecia ditadura e progresso”. Diz ainda que “o governo festejava o progresso associando-o ao imaginário do impávido colosso, gigante pela própria natureza”. Somado a isso, no país do futebol, o Brasil tornara-se em 1970 o primeiro tricampeão do mundo. De tal forma que a euforia econômica do milagre associada à conquista do tri deu um contorno especial ao ano de 1970. Do México, a seleção viajou direto para Brasília para receber os cumprimentos do

presidente Médici. Fora decretado feriado nacional para dar maior visibilidade à comemoração, que se convertera em festa oficial, uma vez que o triunfo futebolístico, associado à imagem de “Brasil potência”, “Brasil grande”, era bem adequada aos pressupostos do regime, que por sua vez procurou se manter sempre presente e identificável à campanha do tri.

O “milagre brasileiro” se constituiu como uma estratégia política. Os sujeitos produtores dos discursos transformaram o êxito econômico em importante artefato político. Roberto Campos, ministro de Estado e Planejamento do governo Castelo Branco, em uma entrevista cedida em 1997, chamou esse processo de “legitimidade pelo desempenho”. Para Campos, existia um “déficit de legitimidade” durante a ditadura que os militares procuravam compensar com demonstração de eficiência. Para ele, “os militares não tinham legitimação eleitoral, não tinham legitimação carismática – nenhum deles foi um líder carismático –, mas tinham legitimidade operacional. Pelo desempenho”.

Assim, as construções discursivas sobre o “Brasil grande, associado ao crescimento econômico, se prestaram a atestar a eficiência do regime, tornando-se uma moeda de uso corrente a custear a legitimidade e autoridade dos militares no poder, que buscavam assim garantir aceitação da população.

Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/2510/1/2007_FernandoDominienceMenezes.PDF. Acesso em 23 jul. 2025.

Texto extraído da Dissertação de mestrado de Fernando Dominience Menezes. ADAPTADO.



ATIVIDADES

26. De acordo com o **texto V**, como a construção da Rodovia Transamazônica se relaciona com a ideia de “Brasil Grande”?
27. Explique de que maneira os governos militares utilizaram os planos econômicos e o discurso do desenvolvimento para legitimar o regime após o golpe de 1964?
28. O texto menciona que os militares não tinham “legitimação eleitoral nem carismática”. Que tipo de legitimidade eles buscavam construir e como essa tentativa se refletiu nas ações governamentais?

Para saber
mais!



Durante a Ditadura Militar no Brasil, a propaganda foi bastante utilizada para exaltar o governo e construir uma imagem positiva do país. O patriotismo exagerado, era promovido por meio de campanhas oficiais, para propagar a ideia de progresso, ordem e grandeza nacional, mesmo diante de graves problemas econômicos, sociais e políticos.

A propaganda governamental procurava exaltar obras grandiosas, como a Transamazônica, a Ponte

Rio-Niterói e a hidrelétrica de Itaipu, além de destacar o crescimento econômico do chamado “milagre econômico”. Com a vitória do Brasil na Copa do Mundo de 1970, o então presidente Emílio Garrastazu Médici utilizou o título como ferramenta de propaganda política, reforçando o sentimento nacionalista.

Slogans como “Brasil: ame-o ou deixe-o”, “Ninguém mais segura este país” e a música “Pra frente Brasil” foram amplamente divulgadas para evocar o patriotismo e incentivar a população a apoiar o regime, deslegitimando qualquer tipo de oposição.

O rádio e a televisão foram utilizados para divulgar essas mensagens, promovendo uma visão positiva do governo e escondendo a repressão e censura.



Disponível em: <https://abre.ai/mYdZ> Acesso em: 17 jun. 2025.



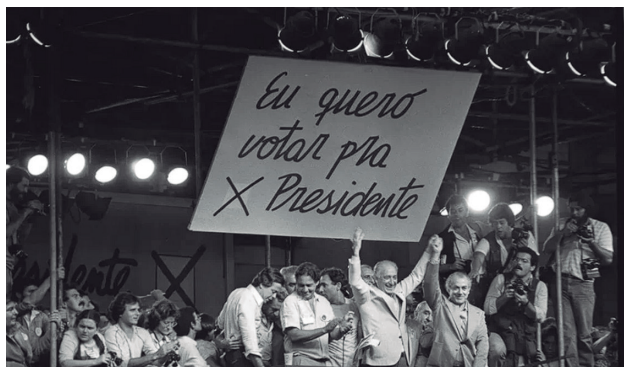
Disponível em: <https://abre.ai/mYdZ> Acesso em: 17 jun. 2025.

Leia o texto.

Texto VI

O que foi a Diretas Já?

No turbilhão político da década 1980, o Brasil testemunhou um movimento que ecoou em todos os cantos do país: as Diretas Já. Esse movimento histórico, foi uma resposta enérgica a décadas de regime militar, repressão política e falta de participação democrática. Este movimento não apenas marcou uma luta pela democracia, mas também teve um impacto profundo nas eleições subsequentes e na transição para um regime democrático.



Contexto Histórico

As Diretas Já foram um importante movimento político que marcou a transição do regime militar para a redemocratização do Brasil nos anos finais da ditadura, entre 1964 e a década de 1980.

Ao longo dos anos de regime militar, o país viveu sob um governo autoritário, marcado por censura, repressão política e restrições às liberdades civis. No entanto, a partir da década de 1970, cresceu a insatisfação popular com o regime, impulsionada por diversos fatores, como a crise econômica, a repressão aos movimentos sociais e a luta por direitos civis.

Nesse contexto, as Diretas Já surgiram como uma demanda popular por eleições diretas para presidente, em contraposição ao sistema de eleição indireta pelo Congresso Nacional, estabelecido pela ditadura. O movimento ganhou força a partir de 1983, com comícios e manifestações em diversas cidades do Brasil, reunindo uma ampla coalizão de forças políticas, sociais e culturais.



Comício na Praça da sé, em 25 de janeiro de 1984.

Entre os principais eventos das Diretas Já destacam-se os comícios e manifestações que reuniram centenas de milhares de pessoas em diversas cidades do país. O ápice desse movimento foi o histórico comício realizado em 25 de janeiro de 1984, na Praça da Sé, em São Paulo. Esse evento contou com a participação de mais de um milhão de pessoas, tornando-se um marco da luta pela democracia.

O movimento Diretas já, não apenas marcou o processo de redemocratização brasileira, como também impulsionou a ascensão de novas lideranças políticas, que definiram os rumos da política brasileira nas décadas seguintes. Entre os principais nomes estão, Ulysses Guimarães, Fernando Henrique Cardoso, Lula e Leonel Brizola. É importante lembrar também a importância que os movimentos sociais tiveram nesse processo. Sindicatos, associações de bairro, estudantes, artistas, religiosos e partidos políticos, se uniram em grandes manifestações públicas. Essa ampla participação popular mostrou o desejo coletivo por liberdade e democracia.

Legado das Diretas Já para a política brasileira

O legado das Diretas Já é evidente na consolidação da democracia no Brasil. Ao mobilizar milhões de pessoas em defesa do voto direto para presidente, o movimento foi essencial para impulsionar o processo de redemocratização. Embora as eleições diretas não tenham ocorri-

do em 1984, as Diretas Já prepararam o terreno para a Constituição de 1988, que instituiu as bases do atual sistema político democrático.

Além disso, o movimento teve um forte impacto na consciência política da população, despertando o senso de participação cidadã e engajamento social. Ele demonstrou que a mobilização popular pode influenciar de forma concreta os rumos políticos do país, fortalecendo a democracia ao ampliar o protagonismo dos cidadãos na vida pública.

Texto de Juliana Luz Cerqueira – Adaptado.

Disponível em: <https://abre.ai/mYJW>
Acesso em: 18 jun. 2025.



ATIVIDADES

29. Qual o contexto político e social que deu origem ao movimento Diretas Já no Brasil?

30. De que forma os movimentos sociais e a participação popular contribuíram para a Força do movimento?

31. Apesar das eleições diretas não serem conquistadas logo em 1984, quais foram os principais legados do movimento Diretas Já para a democracia brasileira?

32. (ENEM 2010 – ADAPATADO)



Disponível em: <https://abre.ai/mYKV> Acesso em: 18 jun. 2024.

A charge remete ao contexto do movimento que ficou conhecido como Diretas Já, ocorrido entre os anos de 1986 e 1984. O elemento histórico evidenciado na imagem é

- (A) a insistência dos grupos políticos de esquerda em realizar atos políticos ilegais e com poucas chances de serem vitoriosos.
- (B) a mobilização em torno da luta pela democracia frente ao regime militar, cada vez mais desacreditado.
- (C) o diálogo dos movimentos sociais e dos partidos políticos, então existentes, com os setores do governo interessados em negociar a abertura.
- (D) a capacidade do regime militar em impedir que as manifestações políticas acontecessem.

CINE PIPOCA



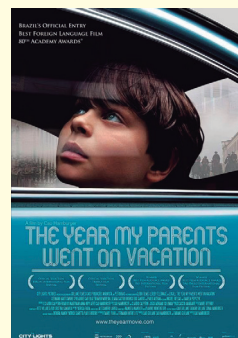
SUGESTÕES DE FILMES PARA CONTEXTUALIZAÇÃO COM O PERÍODO ESTUDADO E PARA CONTRIBUIR COM O TEMA:

1. O ANO EM QUE MEUS PAIS SAÍRAM DE FÉRIAS

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 10 anos.

1970. Mauro (Michel Joelsas) é um garoto mineiro de 12 anos, que adora futebol e jogo de botão. Um dia, sua vida muda completamente, já que seus pais saem de férias de forma inesperada e sem motivo aparente para ele. Na verdade, os pais de Mauro foram obrigados a fugir da perseguição política, tendo que deixá-lo com o avô paterno (Paulo Autran). Porém o avô enfrenta problemas, o que faz com que Mauro tenha que ficar com Shlomo (Germano Haiut), um velho judeu solitário que é vizinho do avô de Mauro.



2. AINDA ESTOU AQUI

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 14 anos.

Ambientada em 1970, a história retrata como a vida de uma mulher casada com um importante político muda drasticamente após o desaparecimento dele, capturado pelo regime militar. Forçada a abandonar a rotina de dona de casa, Eunice se transforma em uma ativista dos direitos humanos, lutando pela verdade sobre o paradeiro do marido e enfrentando as consequências brutais da repressão. A obra retrata os efeitos da ditadura nas famílias brasileiras, ressaltando a força feminina na resistência e homenageando a coragem e resiliência de Eunice Paiva.



3. O QUE É ISSO, COMPANHEIRO?

SINOPSE:

Classificação: Não recomendado para menores de 16 anos.

O jornalista Fernando e seu amigo César abraçam a luta armada contra a ditadura militar no final da década de 60. Os dois alistam num grupo guerrilheiro de esquerda. Em uma das ações do grupo militante, César é ferido e capturado pelos militares. Fernando então planeja o sequestro do embaixador dos Estados Unidos no Brasil, Charles Burke Elbrick (Alan Arkin), para negociar a liberdade de César e de outros companheiros presos.



GEOGRAFIA

Leia o texto.

Texto I

Divisão entre Ocidente e Oriente e sua relação com o Sistema Colonial

A divisão do mundo entre Ocidente e Oriente, à primeira vista, pode ser compreendida a partir de um critério geográfico. Nesse sentido, o meridiano de Greenwich, linha imaginária que cruza a Terra de norte a sul, é uma das principais referências para diferenciar o hemisfério ocidental e o hemisfério oriental, junto ao meridiano oposto, conhecido como antimeridiano. Assim, essa divisão indica, de forma geral, a porção oeste e a porção leste do planeta. Observe a divisão geográfica do planeta em dois hemisférios, representação simplificada da distinção entre Ocidente e Oriente.



Disponível em: <https://abre.ai/pcNd>. Acesso em: 09 jan. 2026. Adaptado.

Essa distinção também aparece no cotidiano: o Ocidente costuma ser associado ao lado do horizonte em que o Sol se põe, enquanto o Oriente é associado ao lado em que o Sol nasce. No entanto, a diferença entre Ocidente e Oriente vai além das linhas geográficas representadas nos mapas. Ao longo da história, essa divisão passou a envolver aspectos políticos, culturais, religiosos e econômicos. Desde o período do Império Romano, essa divisão já apresentava diferenças: o Império Romano do Ocidente e o Império Romano do Oriente expressaram uma separação que, mais tarde, seria aprofundada por outras transformações históricas.

Com o avanço das navegações europeias a partir do século XV, essa divisão ganhou um novo significado com a formação do sistema colonial. As potências europeias, como Portugal, Espanha, Inglaterra e França, passaram a explorar e dominar territórios na América, na África e na Ásia. Nesse contexto, a Europa se colocou como centro do mundo e utilizou seus próprios valores culturais, políticos e econômicos como referência para classificar outras regiões.

Assim, muitos territórios colonizados passaram a ser vistos como espaços periféricos, subordinados ao domínio europeu, enquanto diversas regiões da Ásia e do chamado Oriente foram frequentemente representadas de forma exótica ou inferiorizada. Essa visão reforçou uma hierarquia global: o Ocidente era associado ao poder, ao desenvolvimento econômico e à cultura dominante, enquanto o Oriente e as colônias eram muitas vezes vistos como atrasados ou exóticos. Dessa forma, a divisão entre Ocidente e Oriente pode ser relacionada ao processo de colonização, pois foi construída em grande medida a partir da perspectiva europeia e de sua expansão pelo mundo.

No século XX, especialmente durante a Guerra Fria, essa divisão ganhou novos significados. Em muitos discursos geopolíticos, o Ocidente passou a ser associado ao bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, enquanto o Leste, ou bloco oriental, foi frequentemente relacionado ao bloco socialista, liderado pela União Soviética. No entanto, essa associação não deve ser entendida de forma fixa, pois havia países capitalistas e socialistas em diferentes partes do mundo. Ainda assim, essa distinção continuou marcada por heranças históricas do período colonial. Um exemplo que evidencia a complexidade dessa classificação é o caso do Brasil.

Embora esteja localizado no hemisfério ocidental e tenha forte influência cultural europeia devido à colonização portuguesa, o Brasil nem sempre é considerado, de forma consensual, parte do núcleo histórico do Ocidente. Isso demonstra que essa divisão não é fixa, mas sim um conceito histórico e cultural, construído ao longo do tempo por meio de interações entre diferentes civilizações e intensificado pelas Grandes Navegações e pela colonização europeia. Portanto, a divisão entre Ocidente e Oriente não pode ser entendida apenas como uma separação geográfica. Ela também se relaciona ao sistema colonial implantado pelas potências europeias, que utilizaram distinções desse tipo para organizar, hierarquizar e dominar diferentes regiões do mundo, consolidando uma visão eurocêntrica que ainda influencia a forma como o mundo é compreendido.

Referências:

HALL, Stuart. O Ocidente e o Resto: discurso e poder. Disponível em: <https://abre.ai/pcdk>. Acesso em: 17 mar. 2026.
QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. Disponível em: <https://abre.ai/pcdm>. Acesso em: 17 mar. 2026.
SAID, Edward W. Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente. Disponível em: <https://abre.ai/piUT>. Acesso em: 17 mar. 2026.

Para saber
mais!



Eurocentrismo

O eurocentrismo é uma forma de interpretar o mundo a partir da Europa, colocando esse continente como referência principal para explicar a história, a cultura, a política e o desenvolvimento das sociedades. Essa visão se fortaleceu especialmente durante a expansão marítima e

o colonialismo, quando os europeus passaram a comparar outros povos com seus próprios valores, costumes e modos de organização social.

Essa perspectiva influenciou a produção de conhecimentos, a elaboração de mapas e a maneira de regionalizar o espaço mundial. A divisão entre Ocidente e Oriente, por exemplo, foi marcada por esse olhar, pois tomou a Europa como centro de referência para classificar diferentes povos e territórios. Assim, muitas sociedades foram interpretadas de acordo com sua maior ou menor proximidade em relação ao padrão europeu.

Compreender o eurocentrismo ajuda a perceber que a Europa foi colocada, durante muito tempo, como modelo para explicar o mundo. Esse conceito é fundamental para analisar de forma crítica a divisão entre Ocidente e Oriente e entender como o colonialismo influenciou essa regionalização.

Referência:

BORBA, Pedro. Para uma teoria crítica do eurocentrismo: história, colonialismo e o resto do mundo.

Disponível em: <https://abre.ai/piuu>. Acesso em: 17 mar. 2026.



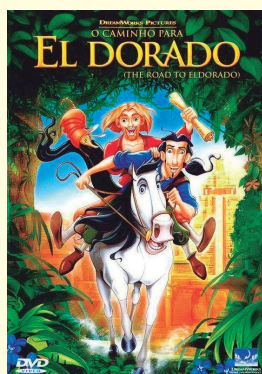
SUGESTÕES DE FILMES PARA CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TEMA:

1. O CAMINHO PARA EL DORADO

SINOPSE:

Classificação: Livre

Dois aventureiros espanhóis chegam a uma cidade indígena imaginária, associada ao mito de El Dorado. Embora seja uma animação de aventura e fantasia, o filme permite discutir, com mediação crítica, a chegada dos europeus à América e as representações construídas sobre os povos colonizados.



ATIVIDADES

1. De acordo com o texto, a divisão entre Ocidente e Oriente pode ser compreendida apenas como uma separação geográfica? Explique.

2. Segundo o texto, como o sistema colonial europeu contribuiu para reforçar uma visão hierarquizada entre Ocidente e Oriente?

3. A divisão entre Ocidente e Oriente, quando analisada criticamente, revela que

- (A) é uma divisão exclusivamente natural, definida apenas pela posição dos continentes no mapa.
- (B) foi construída historicamente e recebeu forte influência da expansão colonial europeia.
- (C) foi criada apenas durante a Guerra Fria para separar capitalismo e socialismo.
- (D) é uma classificação fixa, sem relação com processos históricos ou culturais.

4. De acordo com o box “Para saber mais!”, o eurocentrismo pode ser entendido como:

- (A) Um critério físico usado para separar os hemisférios da Terra.
- (B) Uma política criada para eliminar as diferenças culturais entre os povos.
- (C) Uma visão que coloca a Europa como referência principal para explicar o mundo.
- (D) Uma forma de valorizar igualmente todos os continentes na interpretação da história mundial.

5. O texto afirma que o Brasil, embora esteja no hemisfério ocidental, nem sempre é considerado parte do núcleo histórico do Ocidente. O que esse exemplo demonstra sobre a divisão entre Ocidente e Oriente?

- (A) Demonstra que todos os países colonizados são automaticamente considerados orientais.
- (B) Demonstra que a posição geográfica é o único critério usado nessa classificação.
- (C) Demonstra que o Brasil não sofreu influência do processo colonial europeu.
- (D) Demonstra que essa divisão é histórica e cultural, não apenas geográfica.

Leia o texto.

Texto II

Ásia: um espaço de tensões geopolíticas

A Ásia é o maior continente do planeta e reúne muitos povos, religiões, línguas e formas de governo. Essa grande diversidade torna o continente muito importante para a geopolítica mundial, isto é, para as disputas de poder entre países e territórios. Ao longo do tempo, impérios, colonizações, guerras e acordos políticos mudaram fronteiras. Muitas vezes, essas fronteiras não respeitaram os territórios e as culturas dos povos que já viviam nessas áreas.

Grande parte dos conflitos asiáticos envolve disputa por território, poder e soberania. Entre os principais motivos estão diferenças étnicas e religiosas, controle de recursos naturais, como petróleo, gás e água, rotas marítimas importantes, presença de grupos armados e interesses econômicos de grandes potências. Por isso, um conflito que começa em uma região pode causar impactos em outros países, principalmente quando envolve energia, comércio, migrações ou forças militares.

Um dos conflitos mais conhecidos é o conflito Israel e a

Palestina. Ele envolve disputa por terras, controle de fronteiras, segurança, assentamentos, acesso a Jerusalém e reconhecimento político. A Faixa de Gaza, território palestino com grande concentração de população, tornou-se uma das áreas mais afetadas pela crise humanitária desde a intensificação dos confrontos em 2023. A população civil enfrenta deslocamentos, destruição de moradias e dificuldades de acesso à água, alimentação, saúde e educação.

Outra área importante é o Golfo Pérsico, uma região rica em petróleo e gás natural. Países como Arábia Saudita, Irã, Iraque, Kuwait, Catar e Emirados Árabes Unidos, além do Bahrein em menor escala, estão ligados à produção, ao transporte ou à exportação de petróleo e gás natural. As tensões nessa área envolvem fronteiras, rivalidades políticas e religiosas, presença militar e disputa por influência regional. Por isso, qualquer crise no Golfo Pérsico pode afetar o preço da energia e o comércio mundial.

No Oriente Médio, também se destaca o povo curdo. Os curdos vivem principalmente em áreas da Turquia, Iraque, Irã e Síria, formando uma região cultural conhecida como Curdistão. Eles possuem língua, tradições e identidade próprias, mas não têm um Estado independente. Por isso, seus movimentos por autonomia e reconhecimento entram em conflito com os interesses dos países onde vivem.

O Afeganistão é outro exemplo de território marcado por muitos conflitos. Sua localização, entre a Ásia Central, o Sul da Ásia e áreas próximas ao Oriente Médio, fez do país uma área estratégica. Guerras, invasões, disputas internas e instabilidade política provocaram deslocamentos populacionais e graves problemas sociais. Muitos afegãos vivem como refugiados, e o país ainda enfrenta pobreza, insegurança e restrições de direitos, especialmente para meninas e mulheres.

Na Caxemira, Índia e Paquistão disputam o controle da região desde a divisão da Índia britânica, em 1947. A área tem importância simbólica, estratégica e hídrica, pois está ligada a rios importantes. A chamada Linha de Controle separa partes administradas por cada país, mas não resolve o conflito. Como Índia e Paquistão possuem armas nucleares, episódios de violência na região preocupam a comunidade internacional.

Esses exemplos mostram que a Ásia não é uma região única e homogênea. O continente possui várias regionalidades, como Oriente Médio, Ásia Central, Sul da Ásia, Leste Asiático, Sudeste Asiático e áreas de transição com a Europa. Cada regionalidade tem histórias, povos, interesses e conflitos próprios. Em todas elas, é possível perceber como fronteiras, recursos naturais, identidades culturais e poder político transformam o espaço geográfico.

Referências:

- AGÊNCIA BRASIL. Caxemira: entenda guerra entre Paquistão e Índia que assustou o mundo. Disponível em: <https://agencia-brasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-05/caxemira-entenda-guerra-entre-paquistao-e-india-que-assustou-o-mundo>. Acesso em: 12 mai. 2026.
- GABRIEL, João Paulo Nicolini; CARVALHO, Carlos Eduardo. Ásia: tensões, conflitos e acomodações. Disponível em: <https://outraspalavras.net/geopoliticaeguerrea/asia-tensoes-conflitos-e-acomodacoes/>. Acesso em: 12 mai. 2026.
- OSMAN, Samira. 8 pontos para conhecer os curdos. Disponível em: <https://blog.editoratabela.com.br/8-pontos-para-conhecer-os-curdos/>. Acesso em: 12 mai. 2026.
- SÓ GEOGRAFIA. Conflitos no mundo - Ásia. Disponível em: <https://www.sogefografia.com.br/Conteudos/GeografiaEconomi-ca/geopolitica/geopolitica4.php>. Acesso em: 21 mai. 2026.
- UNRIC. Crise no Afeganistão agrava-se com recuo de direitos e corte de ajuda. Disponível em: <https://unric.org/pt/crise-no-afeganistao-agrava-se-com-recuo-de-direitos-e-corte-de-ajuda/>. Acesso em: 12 mai. 2026.

CINE
PIPOCA



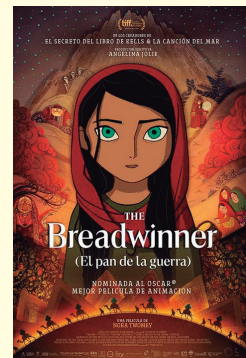
SUGESTÕES DE FILMES PARA CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TEMA:

1. A GANHA-PÃO / THE BREADWINNER (2017)

SINOPSE:

Classificação: 12 anos.

A animação acompanha Parvana, uma menina que vive no Afeganistão sob o regime do Talibã. Após a prisão injusta de seu pai, ela precisa se disfarçar de menino para trabalhar e ajudar no sustento da família. O filme permite discutir conflitos, restrições de direitos, desigualdade de gênero, deslocamentos e os impactos da instabilidade política na vida cotidiana da população civil.



Para saber mais!



Estreito de Ormuz: ponto estratégico mundial

O Estreito de Ormuz é uma passagem marítima estreita que separa o Irã da Península Arábica e liga o Golfo Pérsico ao Golfo de Omã, que se conecta ao Mar Árabe. Em seu ponto mais estreito, possui aproximadamente 54 km de largura. Para organizar a circulação de navios, há dois canais principais de navegação: um para a entrada e outro para a saída de embarcações. Cada canal tem cerca de 3,7 km de largura, sendo ambos separados por uma zona de segurança também com cerca de 3,7 km. No mapa, observe a área destacada em vermelho, que mostra a localização do estreito entre o Irã, Omã e os Emirados Árabes Unidos.

Mapa do Estreito de Ormuz



Disponível em: <https://abre.ai/pcMS>. Acesso em: 25 mar. 2026. Adaptado.

Por essa rota passam grandes volumes de petróleo e derivados exportados por países do Golfo Pérsico. Em 2025, cerca de 20 milhões de barris por dia de petróleo e derivados passaram pelo Estreito de Ormuz, o que corresponde a aproximadamente 25% do comércio marítimo mundial de petróleo. Por isso, qualquer interrupção nessa passagem pode provocar grandes impactos nos mercados mundiais de petróleo. Embora a Arábia Saudita e os Emirados Árabes Unidos possuam algumas rotas alternativas de exportação, países como Irã, Iraque, Kuwait, Catar e Bahrein dependem do Estreito de Ormuz para realizar a maior parte de suas exportações de petróleo.

A importância do estreito não está apenas em sua localização, mas também no fato de haver poucas alternativas para retirar grandes volumes de petróleo da região caso a passagem seja interrompida. Por isso, tensões militares, ameaças a navios, conflitos regionais ou bloqueios nessa rota podem alterar o preço do petróleo e, consequentemente, dos combustíveis, afetar o transporte marítimo e produzir impactos econômicos em países distantes, inclusive naqueles que não participam diretamente dos conflitos.

Disponível em: <https://abre.ai/piZ8>. Acesso em: 25 mar. 2026. Adaptado.



ATIVIDADES

6. Segundo o texto, por que a Ásia é considerada um continente importante para a geopolítica mundial?

7. Explique por que os conflitos asiáticos podem gerar impactos em países distantes, mesmo quando esses países não participam diretamente das disputas.

8. A Caxemira é uma região que desperta grande interesse político e territorial no contexto asiático. A importância da Caxemira está relacionada principalmente

- (A) à escassez de recursos naturais disponíveis em seu território.
- (B) à sua importância histórica para os antigos impérios coloniais.
- (C) ao isolamento político da região em relação à Índia e Paquistão.
- (D) à sua posição estratégica e à relevância de seus recursos hídricos.

9. De acordo com o texto, o povo curdo representa um exemplo de tensão territorial no Oriente Médio porque

- (A) possui Estado independente reconhecido pelos países da região.
- (B) vive distribuído por vários países, com reduzida unidade cultural e política comum.
- (C) tem língua, tradições e identidade próprias, mas não possui um Estado independente.
- (D) exerce controle territorial pleno sobre as fronteiras entre Turquia, Irã, Iraque e Síria.

10. Com base no box “Estreito de Ormuz: ponto estratégico mundial”, essa passagem marítima é considerada de grande importância para a economia global, pois

- (A) reduz a dependência global do petróleo do Oriente Médio.
- (B) concentra grande circulação de petróleo e derivados do Golfo Pérsico.
- (C) reúne a principal passagem marítima do comércio mundial de alimentos.
- (D) é utilizada principalmente para o turismo marítimo entre países europeus.

Leia o texto.

Texto III

Europa: conflitos, separatismos e mudanças territoriais

A Europa é um continente marcado por grande diversidade histórica, cultural, linguística e política. Embora muitos países europeus apresentem alto desenvolvimento econômico e forte integração regional, como ocorre na União Europeia, o continente também possui conflitos ligados a fronteiras, identidades nacionais, movimentos separatistas e disputas territoriais. Esses conflitos ajudam a compreender que as fronteiras não são apenas linhas desenhadas nos mapas, mas construções históricas que podem ser questionadas, modificadas ou defendidas por diferentes grupos sociais.

Conflitos nas Ilhas Britânicas

Um dos exemplos está nas Ilhas Britânicas, formadas principalmente pela Ilha da Grã-Bretanha e pela Ilha da Irlanda.

Ilha da Irlanda (branco) e Ilha da Grã-Bretanha (verde)



O Reino Unido é composto por Inglaterra, Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte. Já a Ilha da Irlanda é dividida em duas: a República da Irlanda e a Irlanda do Norte, que faz parte do Reino Unido.

O principal conflito nessa região está relacionado à presença britânica na Irlanda do Norte. A partir do século XVI, os britânicos passaram a controlar parte da Irlanda. Eles tomaram terras dos irlandeses e entregaram essas terras a colonos protestantes vindos da Grã-Bretanha. Isso causou muita insatisfação entre os irlandeses, que eram, em sua maioria, católicos.

No século XX, os católicos da Irlanda do Norte intensificaram os protestos contra o domínio político e econômico exercido pelos grupos protestantes ligados ao Reino Unido. Na década de 1960, ganhou força o Exército Republicano Irlandês, conhecido como IRA, que defendia o fim do domínio britânico sobre a Irlanda do Norte e utilizava a luta armada para atingir esse objetivo. Em 1998, foi assinado um acordo de paz que ajudou a diminuir os conflitos. Em 2005, o IRA confirmou a destruição de suas armas, encerrando as atividades armadas do grupo.

Conflitos na Espanha

As principais questões separatistas no território espanhol envolvem duas regiões autônomas da Espanha: Catalunha e País Basco. Ambas têm cultura e língua próprias, mas seguiram caminhos bem diferentes na busca por seus direitos.

O povo basco está distribuído principalmente no norte da Espanha e no sudoeste da França. Eles viveram um período difícil durante a ditadura de Francisco Franco, quando foram proibidos de falar seu próprio idioma. Essa repressão gerou revolta e levou à criação do grupo armado ETA, que realizava ataques terroristas em busca da independência. Mesmo após o fim da ditadura e a criação de uma nova Constituição, que deu mais autonomia à região, os ataques continuaram até 2010, quando o ETA abandonou a luta armada e passou a defender o separatismo por meios políticos.

A Catalunha também possui movimentos separatistas, mas segue um caminho mais político. A partir de 1975, a região conquistou certo grau de autonomia política, podendo determinar algumas leis que vigoram apenas na própria região, além de ter um presidente próprio. O principal argumento dos separatistas catalães é econômico: o dinamismo econômico da Catalunha é benéfico para a Espanha, que arrecada muitos impostos, mas, segundo esses grupos, não repassa nem reinveste na região de forma suficiente. Em 2017, o então presidente catalão Carles Puigdemont organizou um referendo sobre a independência. O “sim” ganhou, mas o governo espanhol declarou a votação inconstitucional, o que gerou uma grave crise política

entre Madri, capital da Espanha, e Barcelona, capital da Catalunha.

Manifestação de apoio sobre referendo para a independência da Catalunha



Conflitos nos Balcãs

A Península Balcânica fica no sul da Europa. Na década de 1990, essa região passou por muitos conflitos após a morte de Josip Broz Tito e a queda da União Soviética, que resultaram em uma nova divisão territorial, levando à desintegração da Iugoslávia.



A Iugoslávia era formada por seis repúblicas: Sérvia, Croácia, Eslovênia, Bósnia-Herzegovina, Macedônia e Montenegro. Sua população era bastante diversa, com diferentes povos, religiões e culturas convivendo no mesmo território.

Em 1991, Eslovênia, Croácia e Macedônia declararam independência. Em 1992, foi a vez da Bósnia-Herzegovina. O governo central, controlado pela Sérvia, não aceitou essas separações e enviou soldados para combater os movimentos de independência. O conflito mais grave ocorreu na Bósnia, onde houve uma guerra civil até 1995.

Depois disso, Sérvia e Montenegro continuaram unidas por algum tempo, mas em 2006 Montenegro se separou da Sérvia. Assim, a Iugoslávia deixou de existir. Em 2008, Kosovo declarou sua independência, mas a Sérvia não reconhece essa separação. Por isso, Kosovo ainda tem reconhecimento internacional limitado, sendo reconhecido como país independente por parte dos

países-membros da ONU.

Esses exemplos mostram que a Europa também apresenta tensões e conflitos, apesar da existência de instituições de cooperação, como a União Europeia e a OTAN. No continente, ainda existem disputas relacionadas ao território, à memória histórica, à identidade coletiva e a interesses geopolíticos. As diferentes regionalidades europeias, como as Ilhas Britânicas, a Península Ibérica e os Bálcãs, revelam histórias e conflitos próprios. Estudar esses casos ajuda a compreender que as fronteiras são construções históricas e políticas: elas podem ser reforçadas, negociadas, questionadas ou alteradas ao longo do tempo.

Disponível em: <https://abre.ai/piZM>. Acesso em: 22 abr. 2026. Adaptado.

Para saber mais!



A guerra entre Rússia e Ucrânia e as fronteiras no Leste Europeu

A guerra entre Rússia e Ucrânia é um dos principais conflitos atuais da Europa e ajuda a compreender como as fronteiras continuam sendo motivo de disputas no continente. A crise se agravou em 2014, quando a Rússia anexou a Crimeia, território ucraniano cuja anexação não é reconhecida pela maior parte da comunidade internacional, e quando aumentaram as tensões na região de Donbass, no leste ucraniano. Em 2022, a Rússia iniciou uma invasão em larga escala contra o território ucraniano, ampliando o conflito.

Esse conflito envolve questões como soberania nacional, controle de territórios, segurança militar, alianças internacionais e interesses econômicos. A Ucrânia busca manter sua independência e integridade territorial, enquanto a Rússia procura manter influência sobre áreas estratégicas do Leste Europeu. A guerra também provocou destruição de cidades, mortes, deslocamento de milhões de pessoas e grande necessidade de ajuda humanitária.

Além dos impactos locais, a guerra afeta outros países europeus e o mundo, pois envolve temas como fornecimento de energia, comércio internacional, acordos diplomáticos, migrações e atuação de organizações internacionais, como a União Europeia e a OTAN. Assim, o conflito entre Rússia e Ucrânia mostra que as fronteiras europeias continuam sendo construções políticas e históricas, podendo ser disputadas, defendidas ou alteradas ao longo do tempo.

Disponível em: <https://abre.ai/piZN>. Acesso em: 22 abr. 2026. Adaptado.



ATIVIDADES

11. De acordo com o texto, por que as fronteiras europeias não podem ser entendidas apenas como linhas desenhadas nos mapas?

12. Explique a principal diferença entre os movimentos separatistas do País Basco e da Catalunha, segundo o texto.

13. O conflito na Irlanda do Norte está relacionado historicamente

- (A) à disputa entre Espanha, Portugal e França pelo controle da Ilha da Irlanda.
- (B) à presença britânica na região e às tensões entre católicos e protestantes.
- (C) à separação da Catalunha e do País Basco em relação ao Reino Unido.
- (D) à fragmentação da Iugoslávia e à independência de Kosovo.

14. Com base no box “Para saber mais!”, a guerra entre Rússia e Ucrânia mostra que as fronteiras europeias continuam sendo motivo de disputa porque envolve

- (A) soberania nacional, controle de territórios e interesses geopolíticos.
- (B) apenas diferenças culturais entre povos sem relação com território.
- (C) a criação de uma nova União Europeia no Leste Europeu.
- (D) somente questões econômicas internas da Ucrânia.

15. A fragmentação da Iugoslávia, na década de 1990, pode ser compreendida como um exemplo de transformação territorial porque

- (A) unificou todos os países dos Bálcãs em um único Estado nacional.
- (B) eliminou os conflitos étnicos, religiosos e políticos da Península Balcânica.
- (C) fortaleceu o controle da União Soviética sobre todos os territórios europeus.
- (D) provocou a separação de repúblicas e a formação de novos países na região.

Leia o texto.

Texto IV

Oceania: regionalidades, territórios e tensões

A Oceania inclui países como Austrália, Nova Zelândia, Papua-Nova Guiné, Fiji, Samoa, Tonga, Vanuatu, Ilhas Salomão, Kiribati e muitos outros territórios e arquipélagos do Pacífico. Muitos desses países, territórios e arquipélagos do Pacífico são agrupados em regionalidades como Melanésia, Micronésia e Polinésia. Essas regionalidades ajudam a compreender que a Oceania não é um espaço homogêneo, mas um conjunto de áreas com características econômicas, políticas e sociais distintas.

Enquanto Austrália e Nova Zelândia apresentam maior desenvolvimento econômico e melhor infraestrutura, muitas ilhas da Melanésia, Micronésia e Polinésia possuem pequena extensão territorial, população reduzida e forte dependência externa. Em vários casos, esses territórios mantêm vínculos políticos com antigas potências coloniais ou dependem de outros países para sustentar sua economia e participar das relações internacionais. Essa si-

tuação mostra que as transformações territoriais na Oceania também estão ligadas à herança do colonialismo e às relações de poder estabelecidas no espaço do Pacífico.

Além das desigualdades regionais, a Oceania também apresenta tensões políticas relacionadas à autonomia e à condição territorial de algumas ilhas e arquipélagos. Em partes do Pacífico, persistem debates sobre autogoverno, independência e permanência de laços com potências estrangeiras, mostrando que o movimento de fronteiras e as disputas por autonomia também fazem parte da organização do espaço oceânico.

Assim, analisar a Oceania permite perceber que o território pode ser organizado de maneiras muito diferentes dentro de um mesmo continente. As múltiplas regionalidades oceânicas mostram contrastes entre áreas mais desenvolvidas e territórios com menor autonomia econômica e política, evidenciando que a organização do espaço resulta de processos históricos, disputas de poder e relações de dependência construídas ao longo do tempo.

Disponível em: <https://abre.ai/piZO>. Acesso em: 18 mar. 2026. Adaptado.

CINE PIPOCA



SUGESTÕES DE FILMES PARA CONTEXTUALIZAÇÃO E EXPLORAÇÃO DO TEMA:

1. MOANA: UM MAR DE AVENTURAS

SINOPSE:

Classificação: Livre.

A animação acompanha Moana, jovem de uma ilha do Pacífico, em uma jornada pelo oceano para salvar seu povo e compreender sua ancestralidade. A narrativa dialoga com elementos da cultura, da navegação e da mitologia polinésia.



Para saber mais!



Territórios Não Autônomos na Oceania

Na Oceania, nem todos os territórios são países independentes. Algumas ilhas e arquipélagos do Pacífico ainda são administrados por outros países, como França, Estados Unidos, Reino Unido e Nova Zelândia. A Organização das Nações Unidas utiliza a expressão Territórios Não Autônomos para se referir a áreas cujas populações ainda não alcançaram plena autonomia de governo.

Entre os exemplos localizados no Pacífico estão a Nova Caledônia e a Polinésia Francesa, administradas pela França; Guam e Samoa Americana, administrados pelos Estados Unidos; Tokelau, administrado pela Nova Zelândia; e Pitcairn, administrado pelo Reino Unido. Esses casos mostram que a organização terri-

torial da Oceania ainda guarda marcas do processo de colonização.

Esses territórios podem possuir diferentes formas de administração e certo grau de autonomia interna, mas ainda mantêm vínculos políticos com Estados externos. Por isso, em algumas dessas áreas existem debates sobre maior autonomia, independência, autogoverno ou permanência dos vínculos atuais.

Esse caso ajuda a compreender que as tensões territoriais da Oceania nem sempre aparecem como guerras. Muitas vezes, elas envolvem processos políticos e diplomáticos, identidade cultural e o direito das populações de participar das decisões sobre o futuro de seus próprios territórios.

Disponível em: <https://abre.ai/piZU>. Acesso em: 27 abr. 2026. Adaptado.



ATIVIDADES

16. Segundo o texto, por que a Oceania não deve ser compreendida como um espaço homogêneo?

17. Explique como a herança colonial ainda influencia a organização territorial da Oceania.

18. As regionalidades da Oceania, como Melanésia, Micronésia e Polinésia, ajudam a compreender que:

- (A) O continente é constituído, em sua maioria, por nações que alcançaram estabilidade e alto índice de desenvolvimento.
- (B) A Oceania tem sua geopolítica e cultura dominadas e restritas aos territórios da Austrália e Nova Zelândia.
- (C) O continente apresenta diferentes áreas com características sociais, políticas e econômicas próprias.
- (D) As ilhas do Pacífico não possuem relação com processos históricos de colonização.

19. De acordo com o box: "Territórios Não Autônomos na Oceania", esses territórios são áreas que:

- (A) Já alcançaram plena independência política e não possuem vínculos com outros países.
- (B) As populações ainda não alcançaram plena autonomia de governo.
- (C) Constituem um bloco militar independente dentro da Oceania.
- (D) Não possuem população permanente nem identidade cultural.

20. Segundo o texto, as tensões territoriais na Oceania nem sempre aparecem como guerras. Como essas tensões podem se manifestar?

- (A) Por meio de debates sobre autonomia, independência, autogoverno e permanência de vínculos com potências estrangeiras.
- (B) Por meio de confrontos armados isolados ou disputas militares limitadas entre Austrália e Nova Zelândia.
- (C) Pela tentativa de eliminar ou uniformizar as diferenças entre Melanésia, Micronésia e Polinésia.
- (D) Pela ausência de qualquer relação histórica com antigas potências coloniais.

Leia o texto.

Texto V

Dinâmica e Organização do Espaço: Contrastes entre Ásia, Europa e Oceania

Em 2022, a população mundial atingiu a marca de 8 bilhões de habitantes. Esse crescimento foi impulsionado por inovações científicas, como o desenvolvimento de vacinas, o uso de tecnologia na produção de alimentos e a melhoria do saneamento básico, fatores que reduziram a mortalidade e aumentaram a expectativa de vida humana. No entanto, essa população não está distribuída de forma igualitária pelo planeta. Ao analisarmos a Ásia, a Europa e a Oceania, percebemos grandes contrastes na maneira como as pessoas ocupam o espaço geográfico.

A Ásia é o continente mais populoso do planeta. Nela estão países como Índia, com cerca de 1,47 bilhão de habitantes, China, com aproximadamente 1,41 bilhão, Paquistão, com cerca de 258 milhões, e Bangladesh, com aproximadamente 177 milhões, todos presentes no ranking dos países mais populosos do mundo a seguir.

OS 20 MAIORES PAÍSES POR POPULAÇÃO (AO VIVO)			
1		Índia	1.474.413.566
2		China	1.413.491.382
3		E.U.A.	348.779.602
4		Indonésia	287.541.482
5		Paquistão	258.461.933
6		Nigéria	241.525.257
7		Brasil	213.473.320
8		Bangladesh	177.425.266
9		Rússia	143.334.756
10		Etiópia	138.297.973
11		México	132.832.279
12		Japão	122.580.303
13		Egito	119.866.112
14		Filipinas	117.555.962
15		RD Congo	115.794.972
16		Vietnã	102.095.573
17		Irã	93.111.289
18		Turquia	87.857.064
19		Alemanha	83.690.898
20		Tanzânia	72.194.887

Disponível em: <https://abre.ai/piZW>. Acesso em: 22 abr. 2026. Adaptado.

O Japão também é um exemplo marcante: apesar de ter uma extensão territorial relativamente pequena, abriga mais de 120 milhões de pessoas. A China é um dos principais exemplos para entender a dinâmica populacional asiática. O país tem cerca de 1,41 bilhão de habitantes, mas sua população não se distribui de forma igual pelo território. A antiga política do filho único, implantada em 1980 e revogada em 2016, deixou consequências importantes, como a redução da natalidade e o envelhecimento populacional. Nesse continente, a taxa de urbanização é próxima de 50%, o que revela a presença de grandes cidades, mas também de uma importante população rural. Esses dados mostram que a Ásia reúne realidades muito diferentes, com áreas densamente povoadas e outras menos ocupadas.

Na Europa, muitos países apresentam crescimento populacional mais lento e aumento da população idosa. Isso significa que, em várias áreas do continente, nascem menos crianças e cresce a participação de adultos e ido-

sos, o que gera impactos para a economia, a previdência e os sistemas de saúde. Embora tenha uma população absoluta muito menor que a da Ásia, a Europa se destaca por ser bastante povoada. Como o continente possui uma extensão territorial relativamente pequena, a concentração de pessoas por quilômetro quadrado é elevada. Um exemplo é Mônaco, país com uma das maiores densidades demográficas do mundo, com 25.927 hab./km² e população de 38.631 pessoas.

Na Oceania, a população absoluta é bem menor quando comparada à Ásia e à Europa. Mesmo assim, o continente apresenta contrastes importantes, pois há países e territórios com pequena população total, mas forte concentração de pessoas em poucas cidades, especialmente nas áreas litorâneas. A população da Oceania é pequena e distribuída de forma bastante irregular. Na Austrália, por exemplo, a maior parte dos habitantes vive nas áreas litorâneas, enquanto o interior do território apresenta extensos vazios demográficos, em razão de condições naturais, como o clima árido. Dessa forma, a Oceania possui baixa densidade demográfica em grande parte de seu território, embora existam áreas urbanas importantes no litoral.

Além dos contrastes populacionais e urbanos, esses continentes também apresentam diferenças políticas, culturais e econômicas. Na Ásia, existem países altamente industrializados e tecnológicos, como Japão, Coreia do Sul e China, mas também países com menor desenvolvimento econômico e grandes desigualdades sociais. Na Europa, muitos países apresentam alto nível de urbanização, integração econômica e participação em organizações políticas, como a União Europeia. Já na Oceania, Austrália e Nova Zelândia concentram maior infraestrutura e renda, enquanto várias ilhas do Pacífico dependem de atividades como turismo, pesca, ajuda externa e exploração de recursos naturais. Esses exemplos mostram que população, economia, cultura e política estão relacionadas à forma como o espaço geográfico é organizado.

Ao comparar Europa, Ásia e Oceania, percebe-se que os aspectos populacionais variam de um lugar para outro. Elementos como população absoluta, densidade demográfica, urbanização, envelhecimento, natalidade e distribuição territorial ajudam a explicar como vivem os diferentes povos e como os países organizam seu espaço geográfico.

Referências:

- BRASIL ESCOLA. A população da Europa está envelhecendo. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/a-populacao-europa-esta-envelhecendo.htm>. Acesso em: 21 mai. 2026.
- BRASIL ESCOLA. Países mais populosos do mundo. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/paises-mais-populosos-mundo.htm>. Acesso em: 21 mai. 2026.
- GLOBO EDUCAÇÃO. Urbanização mundial. Disponível em: <http://educacao.globo.com/geografia/assunto/urbanizacao/urbanizacao-mundial.html>. Acesso em: 21 mai. 2026.
- NEXO JORNAL. Encolhimento das famílias preocupa a China, com efeitos não apenas econômicos. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/externo/2025/08/04/encolhimento-familias-preocupa-china-efeitos-nao-apeenas-economicos>. Acesso em: 21 mai. 2026.
- TODA MATÉRIA. Oceania. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/oceania/>. Acesso em: 21 mai. 2026.
- WORLDOMETERS. População mundial. Disponível em: <https://www.worldometers.info/pt/populacao/>. Acesso em: 21 mai. 2026.

Para saber mais!

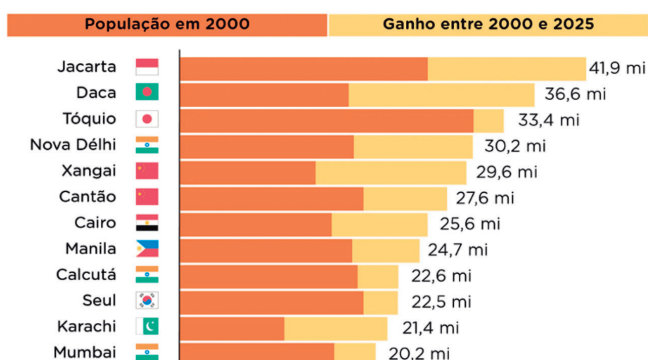


Jakarta e o avanço das megacidades asiáticas

Megacidades são áreas urbanas com mais de 10 milhões de habitantes e representam uma das principais características da organização do espaço geográfico no mundo contemporâneo. A Ásia concentra o maior número dessas grandes cidades, resultado da urbanização acelerada, do crescimento populacional e da forte concentração de atividades econômicas nas últimas décadas.

Jakarta, na Indonésia, tornou-se a cidade mais populosa do mundo, segundo dados divulgados pela ONU em 2025. A metrópole atingiu quase 42 milhões de habitantes, ultrapassando tradicionais megacidades e revelando mudanças importantes na urbanização mundial. Daca, em Bangladesh, e Tóquio, no Japão, também aparecem entre as maiores cidades do planeta. Esses dados mostram a força da urbanização asiática e ajudam a compreender por que a Ásia concentra grande parte das maiores áreas urbanas do mundo.

Em milhões de habitantes



Segundo dados da ONU, em 2018, 55% da população mundial vivia em áreas urbanas. A previsão é que esse número chegue a 68% até 2050. Grande parte desse crescimento deve ocorrer em países em desenvolvimento, principalmente na Ásia e na África. Esse fenômeno ajuda a explicar por que o continente apresenta, ao mesmo tempo, grandes centros urbanos altamente densos e extensas áreas com menor ocupação populacional. Assim, a expansão das megacidades evidencia como a urbanização influencia diretamente a organização do espaço geográfico, reforçando os contrastes populacionais observados entre diferentes regiões do mundo.

Disponível em: <https://abre.ai/piZ3>. Acesso em: 22 abr. 2026. Adaptado.



ATIVIDADES

21. De acordo com o texto, por que a população mundial não está distribuída de forma igualitária pelo planeta?

22. Compare a dinâmica populacional da Ásia e da Europa, destacando uma característica de cada continente.

23. O texto apresenta a Austrália como exemplo de distribuição populacional irregular porque

- (A) sua população está igualmente distribuída por todo o território nacional.
- (B) a população concentra-se no litoral, sendo o interior pouco habitado.
- (C) a maior parte da população vive no interior árido do país.
- (D) o país não apresenta áreas urbanas importantes.

24. A Europa apresenta crescimento populacional mais lento e aumento da população idosa. Uma consequência desse processo é:

- (A) O aumento de desafios relacionados à previdência, ao mercado de trabalho e à saúde pública.
- (B) A redução de impactos sobre a previdência, a economia e os sistemas de saúde.
- (C) A eliminação das desigualdades econômicas entre os países do leste europeu.
- (D) A diminuição da concentração populacional nas áreas urbanas do continente.

25. Com base no box “Jakarta e o avanço das megacidades asiáticas”, o crescimento das megacidades na Ásia está relacionado principalmente:

- (A) À redução gradual das populações urbanas e ao incentivo estatal para o retorno ao campo.
- (B) Ao isolamento comercial das principais cidades asiáticas em relação ao mercado globalizado.
- (C) À estagnação do desenvolvimento econômico e à ausência de investimentos em infraestrutura.
- (D) À urbanização acelerada, ao crescimento populacional e à concentração de atividades econômicas.



Colaboração

Prof. Marcos Bonifácio

Colégio Estadual Estrela do Sul - CRE Aparecida de Goiânia

Leia o texto.

Texto VI

O Crescimento da População da Índia e seus Desafios

A Índia tornou-se o país mais populoso do mundo ao ultrapassar a China em número de habitantes. Em 2025, a população indiana alcançou cerca de 1,46 bilhão de pessoas, segundo dados da ONU. Esse crescimento populacional ocorre de forma acelerada desde a segunda metade do século XX, impulsionado pelas altas taxas de natalidade e pela melhoria das condições de vida da população. Mesmo com a redução da taxa de natalidade nas últimas décadas, a Índia ainda possui uma população majoritariamente jovem. Grande parte dos habitantes está em idade econômica-

mente ativa, o que pode favorecer o desenvolvimento econômico do país. Além disso, o aumento da expectativa de vida e o acesso maior à saúde contribuíram para o crescimento populacional indiano.

O crescimento da população também está relacionado ao avanço da economia indiana. Atualmente, a Índia apresenta uma das economias que mais crescem no mundo, impulsionada pelos setores de tecnologia, indústria e serviços. Organismos internacionais destacam que o país mantém crescimento econômico estável devido aos investimentos públicos, às reformas econômicas e ao aumento do consumo interno.

Por outro lado, o aumento populacional traz desafios importantes para o governo indiano. O país enfrenta problemas ligados à desigualdade social, desemprego, moradia, saneamento básico e oferta de serviços públicos. Em muitas cidades, o rápido crescimento urbano gera dificuldades de infraestrutura e amplia os contrastes sociais entre ricos e pobres.

Assim, a Índia vive uma situação marcada por oportunidades e desafios. Sua grande população pode fortalecer o mercado consumidor e ampliar a força de trabalho, tornando o país ainda mais influente na economia mundial. Porém, para garantir qualidade de vida à população, será necessário investir em educação, saúde, emprego e planejamento urbano nas próximas décadas.

Referências

JORNAL UNESP. Índia se torna nação mais populosa do planeta ao mesmo tempo que experimenta boa fase na economia. Disponível em: <https://jornal.unesp.br/2023/05/08/india-se-torna-nacao-mais-populosa-do-planeta-ao-mesmo-tempo-que-experimenta-bom-fase-na-economia/>

Acesso em: 14 mai. 2026.

TV BRICS. População da Índia pode alcançar 1,46 bilhão em 2025. Disponível em: <https://tvbrics.com/pt/news/populacao-da-india-pode-alcancar-1-46-bilhao-em-2025/> Acesso em: 14 mai. 2026.

WORLDOMETERS. População da Índia. Disponível em: <https://www.worldometers.info/pt/populacao-mundial/india-populacao/> Acesso em: 14 mai. 2026.

BBC NEWS BRASIL. Por que a Índia ultrapassou a China em população. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c86wge116850> Acesso em: 14 mai. 2026.

29. Segundo o texto, uma característica populacional da Índia é que o país

- (A) apresenta população majoritariamente idosa e em declínio.
- (B) reduziu sua população devido à queda da expectativa de vida.
- (C) tornou-se o país mais populoso do mundo ao ultrapassar a China.
- (D) possui pequena população absoluta em comparação aos países asiáticos.

30. De acordo com o texto, o crescimento econômico da Índia é impulsionado principalmente

- (A) pela diminuição dos investimentos públicos e pelo isolamento da economia mundial.
- (B) pela dependência exclusiva da agricultura tradicional e da ajuda externa.
- (C) pela redução do consumo interno e pelo enfraquecimento dos serviços.
- (D) pela tecnologia, pela indústria, pelos serviços e pelo consumo interno.



ATIVIDADES

26. A Índia possui uma população majoritariamente jovem e economicamente ativa. Analise de que maneira essa característica pode representar, ao mesmo tempo, uma oportunidade e um desafio para o desenvolvimento do país.

27. Apesar do crescimento econômico da Índia, o aumento da população também gera desafios. Explique como o crescimento urbano acelerado pode ampliar as desigualdades sociais no país.

28. O crescimento populacional da Índia está relacionado a diferentes fatores sociais e econômicos. Qual consequência positiva desse crescimento é destacada no texto?

- (A) Ampliação da força de trabalho e do consumo interno.
- (B) Redução das atividades industriais e tecnológicas.
- (C) Redução dos investimentos em infraestrutura.
- (D) Diminuição do mercado consumidor interno.



Expediente

Governador do Estado de Goiás
Daniel Vilela

Secretária de Estado da Educação
Helena da Costa Bezerra

Secretário-Adjunto
Gustavo de Moraes Veiga Jardim

Diretora Pedagógica
Alessandra Oliveira de Almeida

Superintendente de Educação Infantil e Ensino Fundamental
Fátima Garcia Santana Rossi

Superintendente de Ensino Médio
Osvany Da Costa Gundim Cardoso

Superintendente de Segurança Escolar e Colégio Militar
Cel Mauro Ferreira Vilela

Superintendente de Desporto Educacional, Arte e Educação
Elaine Machado Silveira

Superintendente de Atenção Especializada
Rupert Nickerson Sobrinho

Diretor Administrativo e Financeiro
Andros Roberto Barbosa

Superintendente de Gestão Administrativa
Leonardo de Lima Santos

Superintendente de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
Hudson Amarau de Oliveira

Superintendente de Infraestrutura
Sabrina Silva Vieira Valente

Superintendente de Planejamento e Finanças
Taís Gomes Manvailer

Superintendente de Tecnologia
Bruno Marques Correia

Diretora de Política Educacional
Vanessa de Almeida Carvalho

Superintendente de Gestão Estratégica e Avaliação de Resultados
Márcia Maria de Carvalho Pereira

Superintendente do Programa Bolsa Educação
Márcio Roberto Ribeiro Capitelli

Superintendente de Apoio ao Desenvolvimento Curricular
Nayra Claudinne Guedes Menezes Colombo

Chefe do Núcleo de Recursos Didáticos
Evandro de Moura Rios

Coordenador de Recursos Didáticos para o Ensino Fundamental
Alexsander Costa Sampaio

Coordenadora de Recursos Didáticos para o Ensino Médio
Edinalva Soares de Carvalho Oliveira

Professores elaboradores de Língua Portuguesa
Bianca Felipe Ferreira
Edinalva Filha de Lima Ramos
Katiuscia Neves Almeida
Maria Aparecida Oliveira Paula
Norma Célia Junqueira de Amorim

Professores elaboradores de Matemática
Basírio Alves da Costa Neto
Cleo Augusto dos Santos
José Nazareno da Costa Silva Júnior
Tayssa Tieni Vieira de Souza
Tyago Cavalcante Bilio

Professores elaboradores de Ciências da Natureza
Leonora Aparecida dos Santos
Sandra Márcia de Oliveira Silva
Sílvio Coelho da Silva

Professores elaboradores de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas
Eila da Rocha dos Santos
Geraldo Avelino Gomes Filho

Revisão
Arleth Barbosa Ferreira Pereira

Diagramação
Adriani Grün
Alisse Theodora Ribeiro Silva
Joclane Silva
Thayane Gabriele Oliveira Lima

